

Firmino de Vilhena



PERIODO DE SOMBRAS



PARODIA Á

«SOMBRA DO SINEIRO»



* Para ser representada por estudantes do

Lyceu Nacional d'Aveiro



Maio de 1902

AVEIRO--Off. Typ. do "Campeão das Províncias"

1902



Oferta
da família
do Dr. João
Sarabando



141483

Universidade de Aveiro
Serviço de Documentação

Termino de

PERIODO DE SOMBRAS



PARODIA À
«SOMBRA DO SINEIRO»



Para ser representada por estudantes do

Lyceu Nacional d'Aveiro



Maio de 1902

AVEIRO--Off. Typ. do "Campeão das Províncias,,

1902



26-4-92

bibRIA

PERSONAGENS

El-Rei	O Lyceu
A Rainha	A Instrucção
A Princeza	A Reforma
O Principe Gaulez	A Lingua Franceza
O Principe Germano	A » Allemã
D. Portuguez, vallido d'El-Rei.	A » Portugueza
D. Circunferencia	General
Dr. Sciencias Naturaes	Medico do Paço
D. Prognostico	Astrologo
A Sombra	O Periodo Transitorio

Cortezãos. Linguas, Escolas, Soldados,
Corpo de baile, etc.

Actualidade, no paiz das laranjeiras

bibliotheca

DISTRIBUIÇÃO

El rei	Abel Costa
A Rainha	Nuno Soares
A Princeza	Antenor Ferreira de Mattos
O Principe Gaulez.	Alfredo Morgado
O Principe Germano	Agnello Regalla
D. Portuguez	Alfredo Martins
D. Circunferencia	Antonio Bastos Pereira
Dr. Sciencias Naturaes	Manuel Moreira
D. Prognostico.	João Naia
A Sombra	Carlos Morgado
Um da côrte.	José Rodrigues dos Anjos
Outro da côrte.	R. Anjos

ANTES DO PANNIO SUBIR



Da precipitação com que foram revistas as provas, alguma coisa havia de ficar.

Assim, vão por ahi fora, em muitas paginas do livro, coisas que podiam ter-se evitado n'uma revisão mais cuidada.

Não poudes tê-la, e d'ahi o que succede muitas vezes em obras que realmente merecem á revisão attenção especial.

O leitor de certo corrigirá, e assim nos dispensamos de fazer-lhe erratas... depois do panno descer.

Acto 1.º

Palacio d'El-rei. Guarnecem as paredes livros, estantes e outros objectos de estudo

SCENA I

El-rei no throno. D. Portuguese aos pés. Cortezãos, linguas, bailarinas, soldados, etc.

CÔRO

Sauda o sol, feito o dia,	A El-rei, astro que anima
quando desperta os casaes,	a corte dos carapaus,
uma alegre cotovia	saudam, tal qual a prima,
em sonoros madrigaes.	estes passaros... bisnaus.

Findo o côro executa-se um bailado, em seguida ao qual todos saêm fazendo uma venia ao rei.

SCENA II

El-rei e D. Portuguese

EL-REI

(Descendo.)

Que maguas tão crueis! Que ruim tormento
flagellam o teu rei n'este momento!
De que me serve a c'roa, o sceptro, o throno
se em breve morro de cansasso ou sômnio?
Lastima o meu viver angustioso
se és valido d'um rei cavalheiroso,
e dize, Portuguese, se ha quem não trema
metido como eu n'este dylema!

D. PORTUGUEZ

Meu rei e meu senhor, meu deus, meu tudo.
a quem o musgo faz tão gadelhudo!
Tenho-te visto pensativo e triste,
mas quem é forte como tu, resiste.
Precisas realmente um novo manto;
mas quem com esse tem soffrido tanto,
affrontando de frente os temporaes,
não morre como morrem os pardaes !

EL-REI

Men caro Portuguesez, meu nobre amigo!
só andrajos eu trago aqui comigo.
Tenho o craneo por dentro em ripadilho,
e estas calças que vez, já têm fundilho.
Mas o mal de que soffro não é frio
nem fome o que me pôz já no cutio.
Eu soffro horivelmente d'outras dores...
O mal... o grande mal... é mal d'amores!

D. PORTUGUEZ

A negra origem d'essa negra dor,
não procuro saber. Seja qual fôr,
ó rei! podes bem crêr que ao teu valido
fere como um punhal incandescido.
Em verdade, senhor, que a dor tyrana
deve passar alem da Taporbana.
«Onde nasceu? em Nazareth? no Egypto?»
E que faz o *Sciencias*, o maldito,
que ao seu rei, seu senhor, tão exforçado,
nas armas e varões assignalado,
não rapa já o temeroso mal?

EL-REI

Eu sei quanto me queres, como é leal
o affecto que consagras ao teu rei.

D. PORTUGUEZ

Fiel até á morte...

EL-REI

Eu sei, eu sei.
Porisso agora escuta, que, d'um trago,
vou dizer-te um segredo que aqui trago
a pular, a morder como as carraças.
Mas, primeiro preciso que me faças
uma promessa, um juramento a serio,
não vás tu confial-o ao ministerio;
sabes que essa gentinha é tão ladina,
que é capaz de o mandar tambem p'ra a China.

D. PORTUGUEZ

Senhor! vossos receios sem razão
fazem piar meu pobre coração.
Podeis contar, podeis dizer sem medo,
que o valido d'El-rei é de segredo.

EL-REI

Queres saber então por que a minh'alma,
alma de rei que é dos lyceus a palma,
anda anemica, triste, em contricção?
E' por que desposei *D. Instrucção*.

D. PORTUGUEZ

Deveras, meu senhor? Pois crê... pois acha...

EL-REI

Não acho nada; tape-me essa caixa. (*Pausa*)
Isto ha de haver... uns annos... pouco mais.
Era um dia de coleras reaes;
a procella rufava pelas ruas,
agua a potes, de trambas... como as tuas,
cabria com fragor. Ouço um trovão
e entro na egreja. Havia missa então.
Orava junto a um genuflexorio
a esposa do *Periodo Transitorio*.
Vêl-a e amal-a com amor gigante,
foi obra d'um momento, d'um instante.
Botava-me elle amor, com modos sabios,
na minha bibliotheca aos alfarrabios.
Fieis devotos entram de tropel;
aproveito o momento do aranzel,
e, por vontade sua, que era a minha,
rpto a donzella p'ra a fazer rainha.

D. PORTUGUEZ

Quem diria, senhor, que era casada
a rainha por vós idolatrada!

EL-REI

Isso que tem, ó Portuguez? escuta:
co'as coisas que elle amava fiz permuta.
Pois não te disse eu já, homem da breca,
que o fui surprehender na bibliotheca
fazendo amor aos calhamaços sabios?
Em troca da mulher, dei-lhe alfarrabios.
Mas não ficou contente...

D. PORTUGUEZ

Cebolorio!

EL-REI

E pela fé de *Periodo Transitorio*,
que não é qualquer fé ou qualquer dança,
contra mim, ai de mim! jurou vingança.
Veio um dia o continuo prevenir-me
das coisas que lhe ouvio então derigir-me.
Architéto em meu cerebro robusto
meio de não ficar morto de susto:
chamo o barbeiro, que era de ambos nós,
e, com raios no olhar, trovões na voz,
mandei que o degolasse d'uma vez.
Se bem lh'o ordenei, melhor o fez.
A naif, de bom córte e fio agudo,
levou-lhe carne e osso, coiro e tudo.
Livre pensei ficar do meu rival,
e não, não era assim, não, por meu mal!
Uma noite, aíl que noite foi aquellal
o maldito escancára-me a janella
e apparece-me «irado e não facundo»
a escurecer-me as glorias d'este mundo.
«Sombra implacavel, pavoroso espectro!
não me persigas mais,» ou largo o septro.
Mas o demopio audaz, audaz e forte,
ha de seguir-me, disse, até á morte. (*Pausa*)
Negro phantasma te enegrece os dias,
meu pobre coração, que tanto mías!
D. Portuguez, fiel vassalo meu,
de mim tem dó, pede por mim ao Ceu!

D. PORTUGUEZ

A tua dor, ó rei, crê me contrista.
Sorte equal ahi teve um jornalista
a quem terribil sombra acometteu...
«Raiava a luz do sol no escuro ceu!» (*Pausa*)

Em teu favor, ó rei, procuro ver
se posso alguma idéa conceber. (*Medita*)
P'ra afugentar, senhor, vossos receios,
eis aqui, ás carradas, varios meios:
abri vossos salões de par em par,
a rapaziada vem p'ra ahi dançar.
Todos os dias lhes darás á farta
medias, friado...

EL-REI

E um raio que os parta!

D. PORTUGUEZ

Ide caçar então, ide pescar,
tens o alicerce posto á beira mar...
Milhares de especies ha por onde escolhas:
a enguia, o lingueirão e as bellas solhas,
camarão, linguado, o carapau,
e o mexilhão, que não é nada mau.
Se a enfermidade assim não fôr p'ra as Maias,
irás dar um passeio pelas praias.
Tens perto a Costa Nova e S. Jacintho,
onde, posso affirmar-o, ha bem bom tinto.
A Torreira é um pouco mais distante,
mas o Pharol fica-te alli a deante.

EL-REI

Dito e feito, meu velho, e a toda a pressa
vou mandar que uma c'rôa te guarneça
dentro d'uma redoma de cristal.
Privo-te aos coices de muito animal.
Sabes que muita gente anda por'hi
em prosa e verso a escarneecer de ti.

Ficam subsistindo em tua vez,
o Persa, o Chim e as sciencias de entremez.
Teu nome esconderei por toda a parte
«se a tanto me ajudar o engenho e a arte.»
E' uma legação. A' pesca, pois.
Quanto ao passeio ás praias, ao depois.
Por agora perfiro o linguado
a tudo quanto tens p'ra ahí lembrado.
P'ra longe o vil phantasma dos meus dias!
Se não pescar linguados, pesco enguias,
quero ter hoje á ceia peixe frito;
'stou contente contigo...e tenho dito. (*Sde*)

SCENA III

D. Portuguez. Pouco depois D. Circunferencia e o
dr. Sciencias Naturaes

D. PORTUGUEZ.

(*Ainda para o rei*)

Posto n'uma redoma!...Agradecido!
Vaes vêr como te honra o teu valido,
e pensae «no que é mais excellente:
se ser do mundo rei, se de tal gente.» (*Pausa*)
Bello, meu Portuguez! vaes para ferias;
em teu lugar virão outras materias. (*Canta*)

Vou agora descansar, que esta vida é sem sabor. E penso em me aposentar para ser...sub-inspector.	Não ha como ter logar n'este paiz em que a gente acaba por se cançar de...dormir constantemente
--	--

D. CIRCUNFERENCIA

(*Entrando em altercação com o dr. Sciencias*).

Não temo das ameaças de ninguém.

DR. SCIENCIAS

(Cumprimentando D. Portuguesez)

Como vae, caro amigo, passa bem?

D. CIRCUNFERENCIA

(Idem) Folgo de o ver assim em carne e osso.

DR. SCIENCIAS

Você 'stá cada vez melhor.

D. CIRCUNFERENCIA

Um moço!

D. PORTUGUEZ

(A Circunferencia)

São favores... Vamos indo. E o general?

(Ao dr. Sciencias)

A familia?

DR. SCIENCIAS

Essa passa menos mal.

D. CIRCUNFERENCIA

O tempo não vae muito p'ra folias...

DR. SCIENCIAS

Constipações, bronchites, anemias,
ha de tudo em quarteis; (apmta o general)
mas é resina,
e não pede o auxilio á Medicina!

D. PORTUGUEZ

Cuidado, general! Muito cuidado.
O ultimo exercicio effectuado,
poz a pão e laranja a tropa audaz...

DR. SCIENCIAS

Nem elle pensa a serio o que faz.
E' como o outro a sonhar só em manobras.

D. CIRCUNFERENCIA

E que tem o senhor c'o as minhas obras?
Tenho que dar-lhe a si satisfações?
Você é uma sciencia inda em calções.
E' preferivel morrer d'uma maleita
a tomar drogas que você receita.
Labia como ninguem tem o senhor,
mas deixa o nosso rei morrer de dôr.

DR. SCIENCIAS

Hão de ralal-o muito as dôres reaes!
Você pensa que aquellas são eguaes
às suas a morder-lhe o cotovêlo?
O mal d'El-rei, queira ou não queira crêl-o,
é todo inteiro na região lombar.
Fracturou todo o craneo maxilar
rompendo a arteria aos raios visuaes.
Ha n'um pulmão febres intestinaes.
O estomago é um sacco de esparvões,
onde se juntam mil repartições
n'uma mistura estúpida, tremenda.
A mais suja de todas... a Fazenda.
Eu já lhe receitei um marmeleiro
p'ra enxotar o bacilus... p'ra o *Terreiro*,

mas tem macaca, aquillo. Não vae nada;
o bichinho não sáe nem á facada.

D. PORTUGUEZ

Seria então a cura duradoura?
Em que atraso a sciencia vae por ora!

D. CIRCUNFERENCIA

Mas cuida este pimpão que ha de cural-o
com remedios que eu dou ao meu cavallo!
Ai! pobre rei, que marchas para a lua
se o alveitar não pões no andar da rua!

DR. SCIENCIAS

Precisa fazer callo a paciencia
p'ra aturar tanto coice na sciencia!

D. CIRCUNFERENCIA

(Crescendo para o dr.)

Que é lá isso? Que diz? Vou-lhe ao fucinho...

D. PORTUGUEZ

(Intervindo)

General! por quem é, 'steja quietinho.
O doutor, como sabe, é bom amigo.

D. CIRCUNFERENCIA

Porisso lhe trazia aqui um figo...

D. PORTUGUEZ

Escute, que lh'o peço por favor.

Deixe em paz a sciencia do doutor.
Preste-se culto ao seu saber profundo,
que não tem semelhante o mar e o mundo.
A mim já me salvou de indigestão
com um jejum, d'uma vez, a agua e pão.
Dêem-se as mãos...

DR SCIÊNCIAS

Lá n'essa é que eu não cáeo!

D. CIRCUNFERENCIA

Nem por um porco! Dar-lhe a mão? Um raio!
(N'outro tom). Enfim, para acabarmos a questão,
D. Portuguesez dirá: a linda mão
da Princeza, a *Reforma*, alva cecem.
El-rei-lyceu já destinou a alguém?

D. PORTUGUEZ

El-rei muda de idéas muita vez.
Eram seus sonhos, d'antes, o *Francez*;
agora ao *Allemão* a prometteu.
Aquelle anda no inferno, este no ceu;
a mãe não é da mesma opinião,
e eu, a final, p'ra mim, quer sim quer não.
Um jura á luz do sol que ha de ser sua;
outro jura e rejeta á luz da lua,
ambos se degladiam como feras;
aquillo não são homens, são pantheras.

D. CIRCUNFERENCIA

(Com jubilo.)

Que bom! que bom! temos então lambada
entre os dois, disputando a deusa amada!

Ha de f'rir-se terrivel a disputa;
com um gaulez brioso ninguim lucta.
Empunha como poucos o florête;
o outro joga bem...o voltarête.

DR. SCIENCIAS

Diz, general, aquilo que não prova.
O *Germano* pespega-lhe uma sova
que vae ser para o mundo uma bexiga.

D. CIRCUNFERENCIA

Você não abre a bocca que não diga
asneiras, heresias, carrapatas.
Homem! será melhor cavar batatas
do que meter-se assim a fazer critica
nas mysteriosas coisas da politica.
A luz nunca se faz sem discussão,
nem ella é eficaz sem bofetão.
Que lhes espirre o sangue do nariz
para prosperidade do paiz.
A coisa não irá ao fim sem molho,
que uma nação onde não ha restolho,
é burgo podre que a gangrena pilha.

DR. SCIENCIAS

El-rei não molda no francez a filha.

D. PORTUGUEZ

Ponto final ponhamos na questão.
Os Principes são homens da razão...

DR. SCIENCIAS

O *Gaulez* é manhoso...

D. CIRCUNFERENCIA

O outro é ronha!

D. PORTUGUEZ

São ambos bons... não têm que se lhes ponha.
Entretanto eu já sinto aqui e além (*palpa o estomago*)
picadas d'um ratito. (*Ao general*)

Quantas tem?

D. CIRCUNFERENCIA

(*Consultando o relógio*)

Trez & pico.

D. PORTUGUEZ

Oh! diabo! Vou jantar.

Se são servidos...

D. CIRCUNFERENCIA

(*Esfregando as mãos*) Toca a aproveitar.

DR SCIENCIAS

Não se falta a convite tão polido.

D. PORTUGUEZ

(*A'parte*)

Veem os dois! que ferro! estou comido! (*Saem*)

SCENA IV

A Princeza e o Principe Gaulez

PRINCIPE

(Com enternecimento)

Bella princeza, minha doce amada,
rosa da rosea côr da madrugada!
Eis-me a teus pés amando com delirio
o teu corpo tesinho como um cirio.
Vou contar-te a paixão que me devora
e rogar me concedas sem demora
a tua mão gentil e almiscarada.
Amo-te mais que o burro ama a cevada;
meu coração, que abrasa em chama ardente,
é um gato a miar constantemente.
Trago dentro do peito um paraíso
pra acastellar o teu gentil sorriso.
Attende-me, princeza, por favor!
Não queiras tu dar cabo d'este amor,
tão grande, tão profundo, tão intenso,
capaz de avassalar o mar immenso,
o mundo, a gloria e tudo o que tem fama.
Tu não sabes, decerto, como t'ama
meu doido, meu dorido coração,
que anda mais negro, mais do que um tição.
Palpa... Cá anda elle á desfilada!
Uma recusa tua, pomba allada,
far-me-hia dar terrível cambalhota.
Amo-te mais que o porco ama a bolota,
inda mais, muito mais que o cego ao cão.
Tira-me do dylema: amas-me ou não?
Repara bem no que me vaes dizer:
ou me salvas, ou levas a morrer.
Irei lançar-me ao mar sem grande esforço,
e tu, menina, ficas c'o remorso.

Hão de turbar-te os dias venturosos
visões e pezadellos tormentosos;
terás por toda a vida companheira
a minha sombra á tua cabeceira.

(*Reflectindo*). Mas não! Perdôa, ó anjo de bondade,
que has de ser do meu ser cára metade!
Dize que sim . .

PRINCEZA

Eu meto-me lá n'essa?
Dar-lhe eu a mão sem que ao Papá a peça?
Entenda-se o senhor com quem governa.
Dou-lhe a mão, dou-lhe o pé e dou-lhe a perna,
se n'isso consentir o meu velhote.
Mortando eu por passar o calote.
E o Papá, que já percebeu isso,
acaba de arranjar-me um bom derriço.
E' um rapaz de truz. E' d'uma canna.
Creio que caso já para a semana.
Tomara cá o dia!

PRINCIPE

(*Desvairado*)

Eu ardo! eu asso!
Ver teu corpo nas mãos d'esse palhaço?
Oh! não, não pode ser! Eu vou matal-o!
Segura-me, mulher, se não abalo.
Treme do meu furor. (*Mostrando o estoque da bengala*)
Vez este lucho?
hei de espetar-lh'o inteiro pelo bucho!

PRINCEZA

(*Detendo-o*)

Tal não fazais, senhor! Ouvi-me. Então?
Preferis ir parar a uma prisão?

(*Com magua*) E se acaso morressem ambos dois?
Quem daria comigo o nó depois?
Oh! não, eu não consinto que se batam!
Assim, se não apertam, não desatam.

PRINCIPE

Não que eu não morro, fica descançada.
Heide varal o d'uma estocada
e trazer-te depois, qual ramilhete,
seu coração na ponta do florête,

PRINCEZA

Não irás, não, que eu não consinto em tal

PRINCIPE

Hei de amanha-l-o, que eu não sou rival
com quem se luta n'este bom torrão.
A sua morte está aqui, na minha mão;
d'um só golpe febril, golpe de manha,
acabo a raça á pobre da Allemanha.
(*Vae a sahir, mas recua em frente do Principe Germano, que entra de faca.*)

SCENA V

Os mesmos e o Principe Germano

P. GERMANO

Tudo isso, a final, é só basofia!
Onde ias tu, ó meu heroe da embofia?
Procurar-me? Aqui estou ao teu dipôr.
Não temo os odios teus, o teu rancor.
Vamos, levanta o braço se és tão forte!
(*Em posição de sadista*)
Um de nós ficará f'rido de morte.

P. GAULEZ

Batermo-nos aqui, em scena, quando
a auctoridade nos está olhando?
E' ter do pello muito pouco dó,
pedemos ir parar ao chelindró.

P. GERMANO

(Com ar de troça)

Desculpas!... Quem tem rabo... tem bafio.

P. GAULEZ

(Offendido.)

Em guarda! (Apontando para fóra)
Para o Campo... do Rocio.

(Cantam)

P. GERMANO

P. GERMANO

Um de nós tem de ficar Vaes pagar o atrevimento,
sem vida n'este combate. vaes soffrer dura lição...

P. GAULEZ

P. GAULEZ

Já de furor devo estar «Palavras leva-as o vento,»
vermelho como um tomate. cala a bocca, toleirão!

AMBOS

A' lucta! Marchemos
p'ra o campo da honra;
preferir nós devemos
a morte á deshonra. (saem)

SCENA VI

A Princeza. Depois o Rei, a Rainha e corte, todos
com cannas de pescar

PRINCEZA

Oh! que horrível combate este será!
Vou chamar p'ra acudir-lhes o Papá.
Meu Deus! Pois hei de assim ficar de luto?

(*Delira*)

Ouço gemer... Já corre o sangue... O' bruto!
ergue-te e crava o ferro que ahí trazes!
«Ergueu-se, ergueu-se na amplidão»... Que fazes?
Bravo, meu lutador! Chega-te á fôrma.
Alcançaste a mãosinha da *Reforma*.

(*Despertando*)

Onde estou? Nada vejo! Oh! que martyrio!
Passou... Eis-me já boa. Foi delirio.

EL-REI

(*Entrando com a rainha e a côrte*)

Fieis vassallos meus! á pesca, á pesca!
quero ter hoje á ceia enguia fresca.
Ide aprontar-me um barco, de carreira,
um couraçado do Alboy, uma saleira. (*Sãem 2*)

CÔRO

Vem o bergantim ligeiro
que o *Meyrelles* tem na ria,
que já faz a travessia
de toda a *Calle do Espinheiro*

Ou o brigue magestoso
em que o *Peixinho*, tão só,
dobra o cabo tormentoso
do *Esteiro do Oudinot*.

EL-REI

Perfiro a gondola-alforge
destinada ás romarias,
em que um dia o *Padre Jorge*
foi á calle c'o *Zacharias*.

Fieis vassallos meus! á pesca! á ria!
quero ter hoje á ceia a bella enguia.

(A' Rainha)

Tu, minha doce esposa, vens tambem?

A RAINHA

Vae o pae, vae a filha e vae a mãe.

EL-REI

(A' Princeza)

Ouviste, meu amor?

PRINCEZA

Não vou pescar;
posso cahir, morrer, e não casar.

(Preparam-se para sahir. Entra o Astrologo)

SCENA VII

Os mesmos e o Astrologo

O ASTROLOGO

Suspende, ó rei, a tua pescaria,
que vaes ter uma tarde de sangria.

(Levando-o á janella)

Anda ver o que vae pelo horisonte;

a negra côr sombria do simonte.
Vae desabar tremenda trovoadã:
o *Elias* ralhando á rapaziada!
Vês para o sul presagios de procella?
E' o *Rocha* a esboçar uma aguarella.
Olhae o céu; longo banzé na arcada:
os teus alumnos a descer a escada!
E vós, da côrte, dae de pressa ás sollas,
recolhei a penates...

UM DOS DO CORTEJO

Ora bolas!

Maldita a sorte que o bom Deus te deu,
ó misero edificio do Lyceu!

O ASTROLOGO

De facto não ha sorte mais mofina,
posso affirmar-o pois lhe li a signa.

EL-REI

Pois tu leste-me a signa, meu patife?
Dize-m'a já ou faço-te n'um beef.

O ASTROLOGO

Preferiria poupar-te esse desgosto.
Bem vez que as alvas cãs que tens no rosto ...

FL-REI

(Com desespero)

Já não sei se são alvas, se vermelhas!
Dize já meu destino! olha as orelhas!
Não voltarás no atrio a dar pinote...

O ASTROLOGO

Senhor! ante a ameaça do garrote,
eu vou aqui dizer-te tudo, tudo.
Vaes ficar assombrado...

OUTRO DO CORTEJO

Eu já 'stou mudo!

O ASTROLOGO

Eu sou, meu rei, propheta do futuro,
sou quem a cada qual a sorte auguro.
Estudo aos astros os fulgores tão varios,
e a nova creação dos emissarios.
Escutae, pois, visto que saber quereis
o que me hão dito da sciencia ao leis: (*Pausa*)
Andava eu perscrutando o Sete-estrello
no manto azul do céu sereno e bello,
quando me surge a lua, é n'uma grêta
de rasto que ella deixa, um vil comêta.
Impresso a luz do fogo eis o que eu lia
pasmado, absorto, mudo do que via:
—Ha de uma sombra, sepulchral, erguida
teu rei precipitar no inferno em vida. (*Pasmo geral*)
Seus dias, hora a hora passarão
a carpir mil saudades do *Romão*.
Seus sonhos, povoados de visões,
hão-de mostrar-lhe o horror das maldições.
De vez em quando, assim por brincadeira,
vá uma *quadra alegre* do *Vieira*.
Assassino o teu rei, é rei inglorio,
que atraçou o *Periodo Transitorio*.
Crime horroroso o que elle perpetrrou,
roubando-lhe a *Instrução*, que tanto amou!

O anathema dos ceus o vae colher;
não vale tanto sangue uma mulher.—

EL-REI

A negra prophesia é um tomate;
gelou-me o coração, que já não bate.
De pressa, ide chamar um endireita,
que a fonte do meu sangue já não deita.

OUTRO DA CÔRTE

Ai! mandem vir o coche funerario,
que lá vae um que nunca foi *notario*.

A RAINHA

Senhores! fica transf'rida a pescaria
para mais tarde, para qualquer dia.
Ide a vossos penates, ide embora,
que eu fico aqui chorando o rei agora.
Vou chorar, chorar muito, chorar tudo,
que ficar sem marido, é um canudo;
e se mais pranto não tiver por fim,
então, meu povo, choraê vós por mim.

EL-REI

Ai! desfalleço! abraço! estou doente!
amparem-me; se cáeo, parto um dente.

A RAINHA

(*Para o Astrologo*)

Depressa, vá chamar o da lanceta.
Raios o partam mais ao seu cometa!

SCENA VIII

Os mesmos e o dr. Sciencias

DR. SCIENCIAS

(Auscultando o enfermo)

Uma vertigem... só... E' quasi nada.
Parece-me um carneiro á marroada,
seu coração batendo contra o baço.
Vou dar-lhe uma sangria n'este braço
e a coisa vae-se embora n'um momento.

(Prepara-se para conduzir o rei ao quarto. Ao Astrologo:)

Segure lhe o senhor p'ra lá do assento.
(Pegam-lhe um aos pés e outro d cabeça)
Agora, ao quarto. *(A Rainha)*
Ponha lá tinteiro.

O ASTROLOGO

Apre, que peza mais que o meu dinheiro!
(Saem todos)

SCENA IX

D. Portuguez e D. Circunferencia

D. CIRCUNFERENCIA

(Entrando)

Não lhe dizia eu que havia bulha?

D. PORTUGUEZ

Rapazes novos; quem é novo é grulha.

D. CIRCUNFERENCIA

Mas não pense que a coisa fica alli.
E ponha o meu amigo o caso em si
dizendo-me depois quem tem razão.
Aquillo vem a dar...

D. PORTUGUEZ

Dará ou não.

D. CIRCUNFERENCIA

São homens que se vão logo ás dos cabos.
Vamos ter um fim d'anno dos diabos:
eleições, bordoadas e... dictadura
para acalmar dos nervos a tezura.

D. PORTUGUEZ

(Com intenção)

E como final d'acto talvez cõrra,
que ha trocas, ou mudanças... *mas de bõrra.*

D. CIRCUNFERENCIA

Não é assim, não é tanto como diz.
Bem sabe quanto custam ao paiz
eleições e transf'rencias de repente.
Em summa, eu vou reunir a minha gente,
e á frente d'ella general chibante,
ver-me-ha commandando: ávante, ávante,
traços de giz e lapis do bom tom!
Fazei voar a golpes de crayon
o craneo do inimigo em estilhaços!
Empunhae esfuminhos e compaços,
reguas e tira-linhas de nanchim!

Fazei tambem d'esse *Germano* um chim,
achatae-o de vez! Olhae a gloria,
que ha de c'roar-nos mais esta victoria!
Fitae esta bandeira, este pendão,
symbolo e luz da regeneração!
E com a dextra manejando a espada,
D. Portuguez!... nem digo já mais nada!

D. PORTUGUEZ

De facto, general, esta contenda
pode entrar pelos bolsos á Fazenda.
Diz bem, diz muito bem o general;
e eu, que já vejo ao longe o temporal,
vou pôr-me ao frêsko, vou para a vitrine.
El-rei o meu logar assim define,
Parto amanhã; arranjem-se por cá,
que eu não quero vêr sangue ao Deus dará.
Querem lutar? luctem vocês se podem;
se eu de lá lhes servir... não me encomodem.

D. CIRCUNFERENCIA

Isso não é d'um nobre portuguez!

D. PORTUGUEZ

Vêm outras linguas para a minha vez.

D. CIRCUNFERENCIA

Pois quereis deixar a patria a batalhar?

D. PORTUGUEZ

Mau, manara! Tomara-me eu a andar,

que isto não é paiz para deveres.
«Olha, faze de contas, se quizeres,
n'estes dias de vento tão agreste,
que nunca tu me viste ou conheceste.»

D. CIRCUNFERENCIA

Francamente, meu caro, outro conceito,
fazia do valor d'esse seu peito.
Deve cortar as calças em calção
mostrando a fralda... por algum rasgão.
Não sei que furia enorme me accomette!
Eu cá por mim, só eu, valho por sete,
e vae ver com o assombro do paiz
como eu sou com vinagre no nariz!

SCENA X

Os mesmos e a Princesa. Depois, El-rei

PRINCEZA

(*Entrando cautelosa*)

Que banzé, meus senhores! Nem sete pobres
n'um palheiro a partir uns magros cobres!
Não sabem que o Papá está doente?
Não ha gloria em ser rei d'uma tal gente!

D. PORTUGUEZ

Doente? coitadinho! tenho pena!

D. CIRCUNFERENCIA

E' realmente galante, esta pequena!...

D. PORTUGUEZ

Mas que tem o Papá? que succeden?

PRINCEZA

Não sei. Mas o doutor já escreveu
trez resmas de papel para a botica.
Veio cimento, gesso, e veio arnica,
betume, ripadilho e sanguexugas,
gente da Invicta em sóccos sem piugas,
tudo o que a Invicta lá tem de melhor,
porque a gente de cá já tem bolor,
e não serve ao conspicio *Alveitar*
que o doutor no concerto anda a ajudar.

D. CIRCUNFERENCIA

Mettido n'essas mãos é longa a cura,
se lhe não põe a vida á dependura!

(Entra El-rei de braço ao peito e lenço na cabeça)

D. PORTUGUEZ

Senhor! quanto folgamos de vos ver
em carne viva!

D. CIRCUNFERENCIA

(A'parte)

Toda a apodrecer!

EL-REI

Sei bem que és o meu melhor amigo,
mas quero agora ficar só comigo. *(A Princeza sde)*

D. PORTUGUEZ

Permitti-nos, senhor, que aqui fiquemos
e em curtas palavras informemos
de factos que se dão bem anormaes.

EL-REI

Dizei de pressa.

D. CIRCUNFERENCIA

Os principes rivaes
de lança em riste e de gadelha ao vento,
'stão-se batendo n'este atroz momento.

EL-REI

(Severo)

Realmente, senhores, parece incrível!
O' cambada infernal! pois é possível
que lhes deixassem realizar o intento?
Correi velozes como o pensamento,
e sãos e a salvo tragam-m'os aqui.
Respondem-me por elles! Logo vi
que uma desgraça só, seria pouco.
Marchem, ou eôrro-os a pinote e a sêcco.

(Os dois, saem. El-rei continua abatido)

Mas Deus! que desgraçado me fizeste!
a mim, que aturo o vendaval agreste,
roto, descalço, a estremecer de dor!
A mim, que já fui grande, a mim, Senhor! (Pausa)
Eu tenho até soffrido á estudantada
toda a casta de idêa endiabrada!
Sou de microbios mil doce concheço,
supporto toda a casta de reprego,
e rebento as costuras e as ilhargas
a fim de cá caberem varias cargas.
Já 'stive p'ra arrumar-as para as hortas,
quando *alguem* quiz mandar fechar-me as portas;
mas no dia seguinte, por chalaça,
abri-lh'as p'ra o deixar ir... á Palhaça (Idem)
Senhor! que desgraçado me fizeste!

A mim, a quem só falta dares a peste,
e atacar-me os burnaes de escolas varias
tão lindas como as Penitenciarias!
P'ra mim, que fui em tempos que lá vão
ousado e forte como foi Sansão,
rei dos reis dos lyceus entre os melhores,
reservas-te estas maguas, estas dores!
Que mais decretarás por minha sorte?

SCENA XI

O mesmo e a Sombra

A SOMBRA

(*Surgindo d'um alçapão*)

Tormentos infernaes peiores que a morte!

EL-REI

(*Com horror*)

Vae-te, *Sombra* maldita, espectro horrendo!

A SOMBRA

Não vou, não vou, não vou, como estás vendo.
Pensavas, miseravel quinquilheiro,
que eu não faria o dito verdadeiro?
Pois pensaste algum dia, camaphen,
que eu deixaria impune o crime teu?
Hei de estar a teu lado eternamente
a pizar-te esse lombo impenitente.
Hei de encher-te esse corpo de morphina
p'ra o vender para entulho de piscina.
Sabes quem sou, ó paspalhão inglorio?
A sombra do *Periodo Transitorio*!
Assassino! Cobarde! Homem sem fé! (*Persegue-o*)

EL-REI

(*Fugindo-lhe*)

Piedade, ó *Sombra*! Eu me arrependo, crê!
Não posso já com tanta maldição!
Vae-te, *Sombra* maldita, embora!

A SOMBRA

Não!

EL-REI

Tem dó do meu penar, ó *Sombra* irada,
que o meu almoço d'hoje foi... cevada!

A SOMBRA

Vingança te jurei; hei de vingar-me!

EL-REI

Não vês o cós da calça a estalar-me?
Vae-te, *Sombra*, d'aqui! Tem compaixão
de quem soffre como eu mil dores

A SOMBRA

Não!

Piedade! E posso eu tê-la, meu maroto?
Vou rasgar-te essas carnes; ficas roto,
os intestinos fóra da barriga,
e arrancar-te d'ahi essa bexiga
para pelle de tambor ou de pandeiro.

EL-REI

Oh! leva-me as *repartições* primeiro!

A SOMBRA

Nem uma sahirá. Vêm mais; vaes vê-lo:
toda a magna caterva dos do *Sello*...

EL-REI

Oh! tudo menos isso, que são tantos,
como a Folhinha a dar nomes a santos!

A SOMBRA

Agora vou d'aqui ao cemiterio,
aos mortos revellar o teu mysterio.
Vaes ver que recepção lá se prepara:
até tens agua p'ra lavar a cara.
Foi invento de certa magestade
do vereador deposto: o *Zé Trindade*.

(Dando-lhe um piparote)

Toma pinhões! E não me queiras mal.

EL-REI

(Caindo horrorisado)

Soccorro! A mim, a mim, ó *Zé Pardal*!



bibRIA

Acto II

*O Campo do Rocío. Passa ao F. a ria. Para alem
alvejam montes de sal.*

SCENA I

As escolas: Industrial, Nocturna, Normal e Primarias

CÔRO

Somos a nata da Escola
no paiz da laranjeira,
onde se canta á viola
e se dança a *Ribaldeira*.

Temos cadeira na Gloria,
na Vera-Cruz, em Esgueira,
em Eixo de hepica historia,
a lendaria *caldeireira*;

Em Sarrazolla, em Cacia,
onde uma ave se acoite;
damos lições todo o dia,
prégamos moral á noite.

Tempos sem fim nós andamos
ensinando os alphabetos,
e, a final, não passamos
d'um paiz de analphabetos.

Viémos tambem á côrte,
que a todos nós dava pena
não fazermos esta scena.
antes da scena da morte

E, feito o nosso papel,
damos agora o logar
á secção do aranzel
a que a scena vae passar.

(*Sdem*)

SCENA II

Os dois Principes, que entram estafados. O Gaulez de
estoque; o Germano de faca e com borracha á cinta.

P. GAULEZ

E' muito! E' já de mais! Venho estafado.
(*Pondo a mão no peito*)
Socega, coração, por um bocado!

P. GERMANO

Démos-lhe bem ás gambias, isso démos!
(*Sentando-se no chão*)
Vamos a descancar.

P. GERMANO

(*Idem*)

Pois descancemos.
Mas não é proprio d'um guerreiro, creio,
cançar tão cedo, inda da lucta em meio.

P. GAULEZ

Falta-me assim o ar em certos dias...

P. GERMANO

Tambem eu tenho as minhas nevralgias.

P. GAULEZ

Lá vem você c'o a costumada aringa!...

P. GERMANO

(*Offerecendo a borracha*)

Isto ha de me passar. Vá uma pinga.

P. GAULEZ

(*Bebe. Erguendo-se depois*)

De onde é este briol? Poz-me mais foito. (*Offerece biscoitos, que o P. Germano aceita e come*)

P. GERMANO

Vem-me de S. Thiago. E este biscoito?

P. GAULEZ

E' d'alli da Mourão

P. GERMANO

Boa fazenda!

P. GAULEZ

Já lhe fiz p'ra o consorcio uma encommenda.

P. GERMANO

P'ra o consorcio?! Você, que vae morrer
pode inda tal ideia conceber? (*Leva a borracha
à bocca, mas encontra-a vasia*)

Oh! diabo! você bebe por oito!
Se mais tivera... Venha outro biscoito.

P. GAULEZ

Tinha já pouco; estava talvez meia...

P. GERMANO

Não ha tal, tinha-a trazido cheia.
(Preparando-se)
Mas vae ver como o faço despejar...

P. GAULEZ

São horas; vamos lá. Toca a apromptar.

P. GERMANO

São horas, são. Vamos, á lucta pois.
Sabe que ha de ficar um de nós dois?
(Combatem)

P. GAULEZ
(Ferindo o P. Germano)
Golpe de mortel! Então, quem apanhou?

P. GERMANO

Eu. Mas você vae ver a quem matou!, (Cae, rebolando-se depois em contorções, durante as quaes o P. Gaulez o olha horrorisado)

P. GAULEZ

Morto! E fui eu quem o matei! Oh! dor!
Amor! a quanto obrigas, vil amor!
Elle, que havia sido o companheiro
de jornadas a pé e de sendeiro
a S. Bernardo, a Arada e ao Cavallo,
onde o Anselmo o tinha, mas de estalo,
o parreirol das tardes estivaes!
Oh! tempo, tempo, que não volta's mais!
Quem diria, faz hoje muitos mezes,

que os fados nos trariam taes revezes?
Este ferro, que acaba de varal-o,
invento d'elle foi, p'ra seu regallo,
e lá diz o rifão, que o não soccorre,
«que quem com ferros merros, mata morre».

(*Examinando o estoque*)

Bom aço! boa tempera! O bregeiro
era da pelle do diabo p'ra frecheiro:
fez isto d'uma vez para ir aos foles
d'uma linda *barrica de ovos moles*
que lhe levara prezo o coração
indo cahir no arpeu d'um *mexilhão*.
Mete-me horror o vê-lo assim defunto!
Mas se não fora o d'elle, era o meu unto
que alli jazia ao sol a derreter.
Nada; fiz bem, que não podia haver
dois galos de tal christa n'um poleiro.
Um de nós tinha de ir. Que vá primeiro.
Pertender apear-me do meu posto?
Roubar-me da *Princeza* o lindo rosto?
Um de nós tinha de ir. Que vá primeiro
quem menos falta faz no galinheiro.

SCENA III

Os mesmos, D. Portuguez e D. Circunferencia

(*Entram montados n'um gerico, um de costas para o outro*)

D. PORTUGUEZ

(*Apeiando-se*)

Tarde piámos; eis um já por terra.

D. CIRCUNFERENCIA

(*Idem*)

São os ossos do officio. E' o fim da guerra..
Retournon, monsieur, à notre place.

D. PORTUGUEZ

Francez? Pois vae latim: *Requiescat in pace!*

D. CIRCUNFERENCIA

Amen! E agora o que dizer ao rei?

P. GAULEZ

Que fui eu que a pevide lhe arranquei.
Ide, voae; e á noiva minha amada,
em prosa altisonante e sublimada,
dizei que em chamas meu amor por ella
é um porquinho de trombas na gamella.
Ide a gravar nas paginas da historia,
e nas tubas da fama esta victoria
correi a annunciar. Que o saiba o mundo
com espanto geral o mais profundo!

D. PORTUGUEZ

(*Desculpando-se*)

Alteza! eu venho já farto de andar,
e preciso descanso ao corpo dar.
Mandae *D. Circunferencia*, que anda leve;
tem mais geito p'ra macho d'almocreve.

P. GAULEZ

Ide vós, general, que sois valente,
dizer-lh'o a ella, ao pae e a toda a gente.
Ide contar por esse globo fora
a lição que á Allemanha eu dei agora.

D. CIRCUNFERENCIA

Iria mais ligeiro do que o raio,
mas o que eu nunca fiz, foi ser lacaio.
Eu sou, alteza, um bravo general;
se me julgaes como qualquer mortal,
do contrario é preciso te convenças.
Olhae para este peito: as recompensas
de feitos d'um altissimo valor,
eil-as como as não tendes vós, senhor!

P. GAULEZ

As medalhas que tendes n'esse peito,
não valem todas este grande feito.

D. PORTUGUEZ

Eu iria, meu principe, e ao trote
se não fôra ter vindo n'um galope.
Fiz uma distensão no cotovello
fracturando um anel do meu cabello;
parti no polegar uma phalange
que as cartilagens d'um tendão abrange.
Sou todo achaques de difficil cura
e talvez de impossivel compostura.
Pode affirmal-o o medico assistente,
que ainda ha pouco me soldou um dente.

SCENA IV

Os mesmos e o dr. Sciencias

D. PORTUGUEZ

E' verdade, doutor, ou será peta
que o defluxo impera na trombeta?

DR. SCIENCIAS

(*De bicyclete*)

Correndo c'o a maior velocidade
n'este corcel moderno do *Trindade*,
eis-me chegado, o suor correndo em bica,
trazendo inteira aqui uma botica.

(*Começa a despejar frascos, ligaduras, pedaços de
adhesivo, ferros, etc.*)

Quem precisa por cá dos meus serviços?

D. CIRCUNFERENCIA

(*Desenrolando uma ligadura*)

Você vem para aqui encher chouriços?

D. PORTUGUEZ

Tanto medicamento todo junto
acaso dará vida a um defunto?

(*Mostrando-lhe o P. Germano*)

Veja, doutor: pode lhe dar conforto?

D. SCIENCIAS

(*Auscultando o ferido*)

Não, meu amigo, que o defunto... é morto.
N'este caso já nada pode a sciencia.
Caro defunto, tenha paciencia!
D'aqui vae direitinho como um malho,
n'uma das salgadeiras do *Carvalho*,
ouvir cantar os rouxinoes silvestres
para a sombra piedosa dos cyprestes.

P. GAULEZ

(*Reprehensivo*)

Um principe, doutor, é sempre um nobre.
Não admitto, pois, um enterro pobre.

D. *Portuguez!* em vós delego a empresa
de lhe fazer o enterro com grandeza.

D. PORTUGUEZ

(*A'parte*)

Esta agora é melhor! Pôl-o deitado,
e eu que lhe sirva de gato pingado!

P. GAULEZ

Ide alli á cocheira do *Martinho*
e fallae a cem padres de caminho.
Traisei quantos brandões por'hi houver
e quanta cêra em obras se fizer.
Se mais não apparecer do que illumina,
venham vellas de sebo e de stearina.
Ao senado pedi em douto estylo
a fanfarra e os meninos do *Azylo*.
Mandai fazer um mausoleu grandioso
onde durma á vontade, e, radioso,
cheio de luz e ar, cheio de sol,
ouça cantar-lhe um lindo rouxinol
o epitaphio que lhe vou fazer.
Ide buscar papel p'ra o escrever,
antes de ir para a lapide sombria.
«Aqui jaz», direi eu n'essa elegia
em verso tão sentido e tão maguado
que o proprio morto ha de chorar, coitado!

DR. SCIENCIAS

Lagrimas santas, as que um morto chora!

D. CIRCUNFERENCIA

Lá vem asneira da sciencia agora.

P. GAULEZ

Quero que n'essa terra da egualdade
ninguem viva com tanta magestade;
que os mortos ao passar por elle vão
rev'rentes ao chapéu levando a mão;
que os vivos recordando Sua Alteza,
invegem sua sorte e tal grandeza.

D. PORTUGUEZ

Eis o que é ser no mundo uma excepção:
um defunto feliz!

DR. SCIENCIAS

Um felizão!

(Ouve-se fóra um tiro)

P. GAULEZ

Um tiro! Quem será o da chalaça?

D. PORTUGUEZ

(Subindo ao F.)

E' Sua Magestade que anda á caça.

P. GAULEZ

A' caça o nosso rei aqui por leste?

D. PORTUGUEZ

E' que já não tem pombas o Arcyppreste...

P. GAULEZ

Vamos ao seu encontro; querem vir?

D. CIRCUNFERENCIA

Valeu.

(Reparando no P. Germano)

E o morto?

DR. SCIENCIAS

Deixal-o dormir. (Sãem)

SCENA V

O Príncipe Germano só

(Erguendo-se)

Ah! posso respirar á redea solta!
Cançado de estar morto, eis me de volta...
Que triste vida os mortos por lá passam,
se aos mortos, como a mim, os vivos massam!
Não se pode morrer nem a brincar
n'este paiz plantado á beira mar.
Em summa, eis-me já livre do embaraço;
e o caso é que, se eu assim não faço,
já estaria agora c'os anginhos
no ceu azul dos mansos passarinhos.
O patife é mestrão no florete;
se não fôra um botão d'este collete
onde o ferro cravou como uma harpia,
nem já Santo Antoninho me valia,
que o comissario, que nos vê de crêna,
não teve alma de vir aqui á scena.
Não sei de que nos serve ter policia.
E' isto o que se vê: uma delicia!

Pode a gente morrer, como eu, d'um bote,
que ella não sáe alli do camarote.

Mas, vingança cruel, descomunal,
vou tirar d'ella e mais do meu rival.

Vou pôr em campo a minha audaz milicia,
e adeus até mais ver, França e policia!

«Impios são todos»! Juro de ar severo,
«que de todos o sangue beber quero».

Tu, só tu, meu amor, linda *Princeza*,
lindo botão de rosa japoneza,

«rosa d'amor, rosa porpurea e bella»

que és a ôlha, a gordura da panella
onde ferve este amor em borbotões,
tens no meu coração uns dez quinhões.

Quem me dera em tão triste conjunctura,
ouvir-te a voz de carro sem untura!

(*A Princeza canta dentro. O Principe escuta-a en-
levado*)

Aonde ides, cavalleiros,
onde vos leva a demencia?
Não vos deixarei solteiros,
poupae a vossa existencia!

P. GERMANO

Mas é a sua voz que eu ouço alem...

Como é bonita e como canta bem!

Tem melros na ganganta! Aquillo é obra!

E até, se não me engano, até já dobral

Oh! canta mais, alegre colibri,

que eu morro por te ouvir cantar a ti.

Olha: se acaso te não doe a gorge,

canta-me aquella nova ao *Padre Jorge*:

(*Cantando*) O Padre Jorge,
tal qual Moysés,
vogou nas aguas
molhou os pés...

E' esta, amor, a moda mais em moda,
e tenho pena de a não saber toda.

A PRINCEZA

(*Cantando ainda dentro*)
Não luctem mais, tenho horror
por que vão matar-se assim...

P. GERMANO

Já não luctamos, amor;
chega-te cá para mim.

SCENA VI

O Principe e a Princeza

A PRINCEZA

(*A'parte*)
Ah! posso respirar afoitamente:
solteira já não fico, felizmente.

(*Para o Principe*)

Venho felicitá-lo, meu amigo,
por ter morto um terrível inimigo.
Applicou-lhe temível a tereia;
vi tudo lá de baixo da plateia.

P. GERMANO

Não vio nada, permitta que lh'o diga;

eu é que ia ficando sem barriga.
Elle é mestre no jogo do florete,
e o que a mim me valeu foi ter collete.
Terminei por ceder, fingi-me morto
para poder voltar a salvo ao porto
do teu amor immaculado e puro.
Mas que o hei de matar, princeza, eu juro;
juro por quanto ha de mais sagrado
que ha de morrer e por um bom bocado.
Entretanto, senhora, o meu amor,
se tal vos não causar um dissabor,
trepando como o sumo da parreira,
tocar-te-ha de flores de laranjeira;
o throno de meus paes, digo-t'o eu,
vence os amphitheatros do *Lyceu*;
aguarda-te uma c'róa mais bizarra
do que as com que se orgulha a nossa barra;
O sceptro, esse, das flores que se renovam
nas longas mãos do nosso *S. Christovam*;
não ha quem possa dar-te mais g'rantias,
alem do chá c'o as classicas fatias.
Por fim, teu nome, qual pendão de gloria,
farei brilhar nas paginas da historia,
onde já floresceu a romanzeira
de que tu és a copia feiticeira.
Reforma! meu amor, meu cherubim!
(abraçando-a)
vem a meus braços, sê só minha, sim?

A PRINCEZA

(Afastando-o)

Por ora... quietinho... tire a mão!

(Tragica)

«Ser ou não ser!»! Ahi é que ha questão!...
Lembro um alvitre: sendo ambos fortes
á lucta irão de novo pelas sortes,

e o que p'ra o maior n.º mais se pinte,
esse será o que ha de dar no vinte.

P. GERMANO

A' sorte! ai! que a desgraça será minha!
Se eu tive sempre azar c'ó a vermelhinha!...
Demais a mais, os jogos de tal raça,
não se admittem já nem por chalaça.
Nem um, por excepção, pássa á vigilia.
Batota?! quem a quer... fal-a em familia.

(Com ternura)

Mas escuta, princeza, por quem és!
Então não é peor que algum revez
nos envolva do amor o pendão branco?
Vamos: cartas na meza e jogo franco.
Que mais devo fazer? o que é preciso
para levar te, enfim, a ter juizo?
Gostas de jogos? sei o diabrete,
o trinta e um, o monte e o voltarete;
jogo a bola, o arquinho e a bilharda
e jogo tudo, tudo o mais, não tarda,
jogo até, se quizeres o bello socco.

A PRINCEZA

Tocas tu qualquer coisa?

P. GERMANO

Ora! se tóco!
Em pandeiro *Mozart*, que não é mau;
Betowen e *Gounoud*, em berimbau.

A PRINCEZA

Tu tocas berimbau?

P. GERMANO

Com doido alento!

A PRINCEZA

Ensinas-me a tocar esse instrumento?

P. GERMANO

Ensinar-te, princeza? Pois não quero?
«Bais ber, oubir óbar o Silibero»,
e que *ensemble* feliz um anno inteiro:
tu tocando b'rimbau e eu pandeiro!

A PRINCEZA

Se juras ensinar-me, como dizes,
casaremos p'ra ser muito felizes.
Juras que has de ensinar-me com certeza?

P. GERMANO

Juro quanto quizeres, linda *Princeza*.
E para firmar já a escriptura,

(abraçando-a)

permitte que eu te molde essa cintura
nos braços que hão de ser o teu recosto,
e que te imprima n'esse bello rosto

(beija-a por vezes)

o sello da união!... Deixa pôr mais,
não vão inda achar pouco os seus *fiscaes*.

UM FISCAL, DA PLATEIA

Protesto! essa sellagem é de invento
contrario á letra do Regulamento.

OUTRO, DA GALERIA

(Folheando um livro)

Isso não s'ouza cá, ó meu amigo!
E se pesca de leizes, cite o artigo
que lhe permite sellar assim já...

A PRINCEZA

(Beijando o Principe)

Bem; se os sellos são falsos, toma-os lá.
Por tão pouco não valle fazer bulhas.

P. GERMANO

E apparecem aos centos, estes grulhas!
Princesa, se com tal te não contristas,
fujamos ao alcance de taes vistas.
Os sellos são reaes, que dão venturas,
mas é melhor... collál-os ás escuras.

(Ouve-se novo tiro, que faz estremecer a Princesa)

P. GERMANO

Não temas; é teu pae que anda ás gaivotas.
Vamos lá dentro nós levar as betas *(saem)*

SCENA VII

El-rei, a Rainha, o Principe Gaulez, D. Portuguez, D.
Circunferencia, dr. Sciencias e caçadores.

EL-REI

(Pasmado de não encontrar ninguém)

Onde está o defunto que morreu?

P. GAULEZ

(*Idem*)

Elle ficou alli...

EL-REI

Mentiste-me!

P. GAULEZ

Eu?

D. CIRCUNFERENCIA

Querem ver que foi ave de rapina?

D. PORTUGUEZ

E' um feliz a mais que vae á China.

P. GAULEZ

Diga, dr., pois não o viu bem morto?

DR. SCIENCIAS

(*Pensando*)

Vi, mas o caso agora está mais torto.

(*Vigiando o local*)

O sólo não se abriu para o tragar...

Ao rio não se iria elle deitar...

Na relva só se perde qualquer brinco...

A feira é só em março, e a vinte e cinco...

Palavra, não percebo a brincadeira
por mais fuzil que dê á pederneira!

EL-REI

Tambem eu não atino c'o a razão,
a não ser que o levasse o tubarão

na volta da viagem para Méca
quando aqui aportou com o *Faneca*.

DR. SCIENCIAS

Agora! deu no vinte el-rei agora.
Leve lhe seja a terra mar em fora!

EL-REI

Pobre rapaz! que pena! era tão bom!...
Ah! não ter eu o tal *balão Dumont*
para voar, voar por esses ares
e ir até ao fundo d'esses mares
em sua busca, em sua salvação!

DR. SCIENCIAS

Pobre rapaz! maldito tubarão!

EL-REI

Chore o ceu, chore a terra, chore o mar,
que é bem profundo agora o meu pezar;
nenhum prazer na vida m'o destroe.
Que chore a *Beira-Mar*, chore o *Alboy*,
chorem todos qual foi no outro dia,
quando o *Sete* mudou de freguezia.
(*Todos choram em diferentes tons*)

D. PORTUGUEZ

Em desvairo!...

D. CIRCUNFERENCIA

Eu delyro...

DR. SCIENCIAS

Eu...corroboro!...

P. GAULEZ

Pois chorem para ahi; eu cá, não choro.
Não sou homem p'ra essas pieguices;
farto estou de ouvir já tantas tolices.

EL-REI

(Em tom reprehensivo)

Vêde como fallaes!

D. CIRCUNFERENCIA

E' positivo
que entre o defunto morto e outro vivo,
a atroz rivalidade, o atroz chinfrim
deveria meter duello assim.

P. GAULEZ

Não comprehendo a honra d'outro modo.

D. CIRCUNFERENCIA

Se ha sangue a derramar, vêta-se todo.

P. GAULEZ

Assim m'o houvera o brio reclamado.

D. CIRCUNFERENCIA

E andou muito bem.

P. GAULEZ

Muito obrigado.

Eramos dois a querer de igual maneira
a mão gentil e nedia e feiticeira
da travessa *Reforma*.

EL-REI.

(*Com intenção*)

Minha filha
não se creou para qualquer... fervilha.
Dispuz da sua mão á boa paz,
e, palavra de rei não volta atrás.

P. GAULEZ

Senhor! tem piedade de quem sofre!
Vê que ando triste como o pobre *Onofre*
desde que o *Gremio* com amor eterno
fez «grand rond» e o *Gymnasio* n'este inverno.
Estanca-me estas lagrimas nos olhos
ou formarão correntes entre escolhos.
Qual o meu crime? amar uma princeza
que aos sete annos ensina *Madureza*?
Matar o meu rival? antes mata-o
do que vê-lo gosar igual regalo.
Oh! rei, que és dos lyceus a lusa palma!
enche de luz os antros da minh'alma,
mitiga a minha dôr, a minha pena,
tem de mim dó! Então, das-me a pequena?

A RAINHA

(*Ao Rei*)

Bem vez o louco amor com que elle a adora!..
Até choro de ver como elle chora!
Por que não has de, meu amor, ouvir-o?

D. CIRCUNFERENCIA

(Para D. Portuguesez)

O homem cae....

D. PORTUGUEZ

(Para D. Circunferencia)

Poderá! é ver aquillo...

A RAINHA

Vamos, resolve a meu contento o peleito,
«ó tu, que tens de humano o gesto e o peito!»

EL-REI

Não se resiste a uma prece tua,
ó tu, que tens a pallidez da lua!... (Beija-a)
(Ao Príncipe)
Príncipe! a sua mão; o bolo é seu,
visto que aquelle a quem matou... morreu.

SCENA VIII

Os mesmos e o Príncipe Germano

P. GERMANO

Não morreu, não sr. Eil-o de pé (*Espanto geral*)
e disposto a fazer maior banzé
que a rapaziada, a flôr da academia,
nos intervalos d'aula, em cada dia,
se em falsear o teu dever pensaste,
faltando ao juramento que firmaste.

P. GAULEZ

Vae-te, espectro do inferno tremebundo!

Matei-te, e voltas inda a este mundo?
Com que direito vens de novo aqui?
Trata da alma, pede a Deus por ti.
Volta p'ra o cemitério, e vae de pressa,
não me faças perder esta cabeça
aonde o sangue acode em borbotões
e ferve qual panella de feijões.
Some-te c'os diabos todos juntos;
tu morreste, e os mortos são defuntos.

P. GERMANO

Com que então soppozeste que morri
e não vez o contrario agora aqui!
Nós quoque gentes sumus mesmo assim,
et palrare sabemos... em latim.
Recolhe lesto a peregrina labia,
que não crê n'ella tanta gente sábia.

(Para o rei)

Se é possível, senhor, resuscitar
quem as tripas tivesse um dia ao ar!

(Ao Príncipe)

Tapa a caixa, não digas mais asneiras.
(apontando para a plateia)
que se riem de ti os das cadeiras.

P. GAULEZ

(Ao dr. Sciencias)

Apello para o teu alto criterio,
ó sabio entre os mais sabios do hemispherio!
Pois não o viste tu alli cahido
n'um mar de sangue, sangue denegrido,
espumando, rugindo qual panthera?

DR. SCIENCIAS

Tal qual. Mas breve se amañava a fera,

que rebolava indomita no chão.
Se o ferro lhe varara o coração!
Eu vi; eu proprio examinei a f'rida,
que era até, por signal, gorda e comprida.
E á fé do meu grau de sabio astuto,
affirmo e juro que esse grande bruto
que ahi vedes na pelle e forma de homem,
não passa d'um temivel lobishomem.

(*Movimento geral de terror*)

EL REI

Senhor! que sorte contra mim investe!
Só me faltava agora vir mais este!
Oh! foge, some-te hediondo abutre,
baixa á terra que o verme e o goivo nutre!
Vae entre os mortos agitar discórdia,
e deixa os vivos por misericórdia!

P. GERMANO

(*Ao dr. Sciencias*)

E chamas-te doutor, dizes-te esperto,
tu que de *Balaã* foste de certo
a que um dia fallou segundo a lenda!

D. PORTUGUEZ

Lá se lhe vae o burro com a tenda.

DR. SCIENCIAS

Atreve-se a dizer que não morreu?
Pois basta, amigo, que lho diga eu.
Trago vinte annos em estudos serios
ácerca dos que habitam cemiterios,

e sei por esp'riencia propria já,
que em se morrendo não se volta cá.
Ora você, que não é mais que os mais,
nem foi p'ra o ceu alegre dos pardaes,
nem pode com razão julgar os factos,
nem tem os fol'gos que Deus deu aos g'atos,
mortal como os demais porque foi homem,
voltou á terra feito lobishomem.

P. GAULEZ

(Ao P. Germano)

Contra factos não colhem argumentos.

(Ao dr. Sciencias)

Os parabens, doutor, p'los seus talentos.

EL REI

Oh! vae-te, alma penada, deixa o mundo!

A RAINHA

Some-te pela terra até ao fundo!

P. GERMANO

Partirei visto que assim é preciso,
mas p'ra ensinar-vos a ganhar juizo.
Ides vêr, ó cambada de ideotas
aonde vão levar-me as minhas botas.
Preparaes-vos p'ra a luta, que é de morte.

(Ao P. Gaulez)

Tu, encommenda ao diabo a tua sorte.
Treme, atrevido principe francez,
que vaes morrer, mas vaes morrer de vez.
A *Princeza*, a *Reforma*, aquella estrella.
prepara os olhos piscos, que has de vel-a,

mas atravez d'um oculo de estudo,
tal como Braga vez... por um canudo.
Tenho em promessa o seu amor eterno,
quente como um gabão para o inverno,
e que vae ser-me escudo n'esta lucta
contra um «barbaro rei e a gente bruta».
Preparai-vos, heroes de bambochata;
hei-de correr-vos todos a batata,
a tremoço, e a fava e a ervilha,
e a quanto mais resar minha cartilha.
Guerra sem traguas eu vos juro aqui
para provar-vos que inda não morri. (*Sde*)

SCENA IX

Os mesmos, com excepção de P. Germano

EL-REI

(*Assustado*)

Jesus! credo! abrenuntio! eu te maldigo!
De que raça sahio aquelle amigo!

Ao dr. Sciencias)

Dize, doutor: a sabia medicina,
as drogas que ella tem e quanto ensina
não chegaram ainda á perfeição
de bater um exercito allemão?

DR. SCIENCIAS

(*Meditando*)

Eu vos digo, senhor... O caso é serio.
Se o maldito marchou p'ra o cemiterio
e de lá contra nós ergue os defuntos,
mandae pôr no seguro os nossos untos,
pois não são tolos que outra vez se atrevam
com tisanas que os sabios lhes prescrevam.

P. GAULEZ

Não receeis, senhor, pelos costados;
temos agora ahi dez mil soldados:
infantes, cavalleiros e fiscaes,
e se os pedires ainda virão mais.
E' questão de pôr nomes n'um papel,
e fica a trasbordar todo o *Quartel*.

EL-REI

Melhor sorte nos dê do ceu a c'rôa...
Que preço attingiria então a brôa?!
Nada; basta os que há. Nada de asneiras,
se não, era uma razzia nas sopeiras.

A RAINHA

Ha menina que traz no coração
cabos, recrutas, todo um batalhão. (*Risos*)
Riem? Pensam que o digo por chalaça?
Vão á tardinha á fonte alli da *Praça*...
Vão vêr, vão vêr e digam-me depois
se cada uma tem menos de dois.

EL-REI

Melhor. Valem por trez os nossos homens
p'ra reduzir a zero os lobishomens.
Sopas, sopeiros, tudo irá p'ra a liça
empunhando uma espada de cortiça.
E vós, da côrte, amigos meus fieis,
preparaes espingardas e arneis;
batalhando com ancia todos junctos
morte certa daremos aos defuntos.

D. CIRCUNFERENCIA

Podeis contar commigo, nobre rei,
e até com prodigios que obrarei.
«Eu só c'o a minha gente e a minha espada»...
Não me deixa o calor dizer mais nada!

D. PORTUGUEZ

Contae, senhor, com este bravo peito,
ás grandes luctas desde muito affeito.
Tem, como outr'ora, a força varonil
com que aportou ás margens do Brazil
e fei, n'um vôo d'aguia, ousadamente,
de polo a polo, ás plagas do Oriente.
Vem desde ahí sempre escudando o throno...

DR. SCIENCIAS

Já por lá andava então o mal do sômnio?

D. CIRCUNFERENCIA

Com sômnio me parece andar você.
Que sabichão! E' isto que se vê!

EL-REI

Ponto final, senhores; e preparar
para a guerra aos defuntos começar.
Vá, general, prevenir os amigos
e dar ás tropas vinho, pão e figos;
faça-m'as atacar bem os burnaes,
até já não poderem levar mais.
Disponha tudo em forma, de tal sorte,
que a lição aproveite á propria morte.

D. CIRCUNFERENCIA

(*Saindo com o gerico pela arreata*)

Martel! p'ra a guerra onde o dever nos chama!

D. PORTUGUEZ

(*Saindo tambem*)

Corro a telegraphar á Voz da Fama.

DR. SCIENCIAS

(*A'parte e saindo na bicyclete*)

Pois eu vou calçar botas mais modernas
para em caso preciso... dar ás pernas.

SCENA X

El Rei, a Rainha, o P. Gaulez e pouco depois a Prineeza

P. GAULEZ

(*Olhando para os que saem*)

E' um punhado d'homens d'uma cana,
que hão de empunhar galhardos a catana.
Ái! pobre lobishomem! moribundo
vaes de novo voltar ao outro mundo!

(*Ao Rei*)

E agora, senhor, é o momento
preciso p'ra tratar do casamento.

EL REI

Sim; mas é praxe, sabe, em taes alturas,
começar sempre pelas escripturas;
e antes que volte á scena o tal maroto,
chame cá o *Gaspar* ou mesmo o *Souto*;
qualquer d'elles virá ao nosso appello
cobrando só o respectivo sello.

A RAINHA

O tempo vae bicudo em demasia,
porisso é bom fazer economia.

P. GAULEZ

(*Vendo a Princeza, que entra*)

Eil-a que chega, a linda primavera.
E' o sol a brilhar na azul esphera!

EL-REI

(*Dirigindo-se-lhe*)

Minha filha, meu casto amor sem par!
Uma nova feliz te quero dar:
acabo de tratar n'este momento
do teu futuro, do teu casamento.
Eis o noivo gentil que te escolhi
e com quem tu vaes dar o nó d'aqui.
E' um moço de nome, á tua altura,
a quem não falta massa e formosura.

P. GAULEZ

Vaes ser n'este paiz, linda *Princeza*,
a mais bella de todas com certeza.

(*Unindo-a a si*)

Sente o pulsar indomito e selvagem
d'este irrequieto e doido personagem
que aqui se agita com profundo abalo:
parece galopar como um cavallo...

A PRINCEZA

(*Fugindo-lhe*)

Vi-tá doido? arrede lá, não me amarrote.
Então, não me pregou um bom pinote?

Olhem que esp'rança para que me afoite!
(*A meia voz*)

Se isto é de dia, que faria... á noite?!

A RAINHA

(*Reprehensiva*)

Menina! então «que maneiras são essas»?

EL-REI

Não vêz, cachopa, «que estás ás avessas»?

A PRINCEZA

A's avessas ou não, é cá commigo.
Sempre é bem atrevido, o tal amigo!
Casar? eu? com tal homem? com tal bruto?

EL-REI

(*Apertando a cabeça nas mãos*)

Deus do ceu! que heresia!

P. GAULEZ

O que eu escuto!

A RAINHA

Eu vou pôr-lhe na lingua um pimentão
a ver se elle lhe serve de travão.

A PRINCEZA

Julgam-me então do cáco tão enferma
que cáea em ir casar com um palerma?

Eu já escolhi noivo; é um rapaz
como outro igual o pae já cá não traz.
Não tem no berimbau quem o emita
e p'ra tocar pandeiro, é um catita.
Já me ensinou solfejos a compasso,
no que eu já entro com desembaraço.
Ilão de cuvir-me, os papás, e ver que é bom;
o pandeiro é do chic, é do bom tom.

A RAINHA

(Com aspereza)

Menina! já lhe disse que se cale;
contra o nosso, o seu querer de pouco vale.
Pole mandar fallar á costureira
e preparar as flores de laranjeira,
mas p'ra casar com quem lhe dá ventura
e não com quem já vem da sepultura.

A PRINCEZA

Venha de onde vier, tenho o direito
de escolher quem me faça melhor geito;
e de mais, do pandeiro nos compassos,
já ambos démos os primeiros passos.
Démos *nó-cego* n'um gentil dueto
que não desata nem por um decreto.

P. GAULEZ

Princesa! minha flor, meu branco lyrio!
não queiras aggravar o meu martyrio,
escarnecendo amor tão verdadeiro!
Se tens tão grande affecto p'lo pandeiro,
pandeirô tocarei e com tal arte,
que hei de acabar um dia por cançar-te.

Era pandeireta alguns ensaios fiz;
mas não me leva as lampas o Luiz,
que lhe dá sustenidos e bemoes
e pula qual pulou outr'ora o Froes.
Serve-te p'ra começo esse instrumento?
Desejal-o e servir-te, é um momento.

A PRINCEZA

Nem lhe peço favores, nem lh'os acceito;
guarde tambem o seu amor, que engeito,
e faça ponto na imbecil tirada
para o não combater á gargalhada.

A RAINHA

Isso diz-se, menina?

R. GAULEZ

(Acudindo)

Deixa-a lá...

A RAINHA

(Intimativa)

Ha de cumprir as ordens do papá.

A PRINCEZA

Veremos!

EL-REI

Qual veremos, qual diacho?!

(Crescendo para ella)

Já para o quarto escuro lá de baixo!
Veremos? qual veremos! qual historia!

Onde está o *Pardal*, c'o a palmatoria?
(*Agarrando-a pelos pulsos*)

Escolha entre os horrores d'uma prisão
e um nó feliz em liberdade...

A PRINCEZA

(*Com serenidade*)

Não!

P. GAULEZ

Antes o amor com que a minh'alma junca
o teu futuro côr de rosa...

A PRINCEZA

Nunca!
Affrontarei o p'rito, a propria morte;
tudo é preferível a soffrer tal sorte.
Dispuz do coração: já não é meu.

A RAINHA

Pois vá pedil-o já a quem o deu.
Irei comsigo e ferro-a na prisão
ou me apresenta intacto o coração.

(*Puchando-a e sahindo*)

E ou se arrepende d'entro d'uma hora...

O PRINCIPE

(*Seguindo as*)

Piedade, senhora, que ella chora!
Não pucheis d'esse modo pelos cabos...

EL-REI

«Não se arrepende nem por mil diabos»!

SCENA XI

El-Rei e a Sombra

A SOMBRA

(*Tocando-lhe no hombro*)

Contigo ainda outra vez, e venho a tempo
de poupar-te a um novo contratempo.

EL-REI

(*Fugindo-lhe aterrado*)

Deixa-me, *Sombra* vil, não me persigas!

A SOMBRA

Venho em missão de páz...

EL-REI

Pois sim! cantigas!...

A SOMBRA

Venho em nome d'um deus que é todo avesso
á miseria em que estás, o deus Progresso,
cauterisar, tratar, curar-te a ferida,
e melhorar-te as condições de vida.

EL-REI

(*Com desgosto*)

Sobre o terror, o escarneio!

A SOMBRA

Falo a serio;

assim fallasse ás vezes o *Silverio*.
Andas ha longos annos, qual mendigo,
roto do tronco ao tecto, e sem abrigo,
n'uma expressão sinistra e modo alvar,
a cara sempre suja, por lavar.

EL-REI

Bem sabes tu que a culpa não é minha.
Se até albergo o sapo e a doninha!

A SOMBRA

E' preciso mudar hoje de rumo.
O mesmo deus, que é pomo de bom sumo,
entrando pelo ramo das sciencias,
de bisturi affeito ás excrescencias
que havia na instrucção d'outros paizes,
acaba de enxertar n'essas raizes
o garfo dos estudos cá da terra,
e manda que a *Princesa*, em que se encerra
todo o humano saber e illustração,
despose já um principe allemão.

EL-REI

Porque não ha de ser antes francez?

A SOMBRA

Já cá ha muito fructo d'essa rez.
Vaes ter, portanto, novo fardamento,
outro fato a vestir p'ra o casamento.

(Mostrando-lhe um roupão)

Trago-te aqui um robe primoroso
com o qual vaes ficar bem mais vistoso.

Vamos, toca a vestil-o, mas com geito.

EL-REI

(Examinando-o)

E' aberto d'um lado; tem defeito...

A SOMBRA

São caprichos que a moda agora traz:
tapa p'la frente destapando atrás.

EL-REI

(Vestindo-o e mirando-se)

Não fico assim peor, isso é bem certo;
mas hei de então andar por traz... aberto?

A SOMBRA

Fica cumprida assim minha missão.
Agora vou descer ao alçapão,
mas antes de partir, para o caminho
apanha um piparote no focinho.

*(Dá-lhe um piparote no nariz. O rei cambaleia e cde
assustado. Ouvem-se risadas dentro)*

A SOMBRA

São almas do outro mundo; é o meu povo
a festejar o teu vestido novo.



bibRIA

Acto III

Palacio d'El-Rei

SCENA I

D. Portuguese e D. Circunferencia

(Entram gravemente)

D. PORTUGUEZ

Não sei por quê, meu caro general,
mas palpita-me que isto acaba mal.

D. CIRCUNFERENCIA

Receios que não têm razão de ser;
questão de nervos, ou modos de ver.

D. PORTUGUEZ

Modos de ver, porque receios, não;
bem sabe que não sou qualquer poltrão.
Mas a verdade é que anda cá comigo
uma nuvem tão densa, caro amigo,
vejo tão negro o fundo do horisonte,
que nem sei já... de espanto como o conte.
Accordo ás vezes sob uns pezadellos
que me arripiam carnes e cabellos.
Vejo ao longe, no topo das montanhas...

D. CIRCUNFERENCIA

(Interrompendo-o)

Carrancudos heroes de mil façanhas...

D. PORTUGUEZ

Mas, a correr p'ra nós e todos juntos,
uma magna caterva de defuntos!

D. CIRCUNFERENCIA

Não virão, meu amigo, infelizmente;
annos não são da graça para a gente.
Quem me dera, meu caro *Portuguez*,
tal lobishomem ver mais uma vez!
Vel-o e punil-o n'um cruel tormento,
para mim era obra d'um momento.

(*Com enthusiasmo*)

Você já não tem sangue; é letra morta.
Venha d'ahi mais eu fechar-lhe a porta.

D. PORTUGUEZ

(*A'parte*)

Atrapalhado m'acho ao fazer d'esta!...

D. CIRCUNFERENCIA

(*Indicando o peito*)

Ponha aqui essa mão...

D. PORTUGUEZ

(*Limpendo com a mão o suor*)

Palpe-me a testa.

D. CIRCUNFERENCIA

Sente-o pulsar? bastou fallar-lhe em guerra...

D. PORTUGUEZ

No *Carlos?* o do *Gaz?* está na terra.
Por signal que o *Reitor* já o chamou
e creio que com elle combinou,
feita ao real estomago a limpeza,
illuminal-o com real grandeza.

D. CIRCUNFERENCIA

A proposito, amigo: já notou
a vestia nova que hoje *El-rei* botou?

D. PORTUGUEZ

(Confidencialmente)

El-rei, aqui p'ra nós, envergonhava
n'aquelle sujo fato de que uzava.
Agora melhorou um bom pedaço,
mas tem inda um rasgão pelo espinhaço.

D. CIRCUNFERENCIA

Ouvi que o *director* fizera empates
no pagamento aos mestres alfaiates,
e que estes se abalaram com receio,
deixando a obra, como vê, em meio.

D. PORTUGUEZ

Sciende. Justifica-se a razão
porque *El rei* tem no lombo tal rasgão.

D. CIRCUNFERENCIA

Mas voltemos, meu caro, ao velho assumpto.

D. PORTUGUEZ

(Contrariado)

Lá vem você de novo c'o defunto!

D. CIRCUNFERENCIA

Perdão! respeito, creia, essa fraqueza.
O que me int'ressa agora é a *Princeza*;
pode informar-me do que por cá vae?

D. PORTUGUEZ

Ninguém a convenceu, nem mesmo o pae;
a nada se moveu, forte e sem medo,
porisso a espetaram no segredo.

D. CIRCUNFERENCIA

Pois é pêna, e a mim causa-me magua.

D. PORTUGUEZ

Demais a mais, está a pão e agua!
E' bem severo *El-rei* com a creança.

D. CIRCUNFERENCIA

Vá que a prendesse! mas tirar lhe á pança
o pratinho de meio com atum,
sejeitar a pequena a tal jejum,
concorde, meu preclaro e bom amigo,
que é um refinadissimo castigo.

D. PORTUGUEZ

Qualquer dia apparece, a pobresinha,

sêcca, estillada como uma sardinha.
Lembrar-me eu que a andei a acalentar,
que a vi crescer e que a ensinei a andar,
lembrar-me tudo isto e muito mais,
e vê-la agora a definhar, aos aes!...

D. CIRCUNFERENCIA

Eu tenho pena, como você tem;
mas a verdade, amigo, é que também
ella padece um pouco do bestunto.
Querer agora casar com um defunto!
Esta não lembra ao diabo...

D. PORTUGUEZ

Algum mysterio
a leva a querer viver no cemiterio.
(Apontando para dentro)
E ahí vem quem pode esclarecer-nos.

SCENA II

Os mesmos e o dr. Sciencias

DR. SCIENCIAS

Venho mas é do meio dos infernos.
Ora imaginem, senhores...
(Cumprimenta-os)

Como vão?
A familia? o negocio? a obrigação?
Tudo bom, não é assim? De boa côr...

D. CIRCUNFERENCIA

Melhor do que nas mãos d'algum doutor...

DR. SCIENCIAS

(*Com ar de troça*)

Sempre chistoso, o general, não é?

D. CIRCUNFERENCIA

(*Idem*)

Obrigado, doutor.

DR. SCIENCIAS

Não ha de quê.

Mas, como ia dizendo, meus senhores,
venho do inferno ou pélago das dôres.

Nunca, na minha vida, tanta gente
teve a loucura de cahir doente.

E' de mais, chega até a par'cer mal;
só os *infantes* enchem o hospital.

Ora uma vida assim pode dar gosto?

D. CIRCUNFERENCIA

(*Com ironia*)

Mal empregado andar assim exposto!

D. PORTUGUEZ

Podeis, doutor, dizer-nos com certeza
quando findam as penas da *Princeza*?

DR. SCIENCIAS

Deve ser hoje ainda, á luz da lua,
se antes da noite não vier p'ra a rua.

D. CIRCUNFERENCIA

Inda bem, coitadinha. Que tormentos

terá soffrido em tão crueis momentos!
Seis dias de prisão! sorte macanja!

D. PORTUGUEZ

E de mais, só a pão!

DR. SCIENCIAS

Pão e laranja.

D. CIRCUNFERENCIA

Era o preciso p'ra perder o vida.

DR. SCIENCIAS

Mas eil-a Magdalena: arrependida.

D. CIRCUNFERENCIA

N'essa parte concordo em que andou bem;
fez a vontade ao pae, ao noivo e á mãe.

DR. SCIENCIAS

Nem se admitte que por outra forma
houvesse a proceder *D. Reforma*.

Exposta ás inclemencias d'este inverno,
n'aquella escuridão como a do inferno,
accommettida até pelas baratas

e assaltada p'los ratos e p'las ratas,
p'los percebos que habitam cada fenda
depois que p'ra cá veio a tal *Fazenda*,
a pobre da pequena até gemia
com comixões que aquillo lhe fazia.

Causava dó vel-a soffrer assim!

D. PORTUGUEZ

Felizmente que o mal tem hoje fim;
deixa a infecta caverna d'uma vez.

DR. SCIENCIAS

Mas p'ra se unir ao *Principe Gaulez*.

SCENA III

Os mesmos, El-Rei e a Rainha

EL-REI

(*Como ferido por um remorso*)

Doutor, doutor! se és sabio e bem astuto,
dize se é ser mau rei, ou mau e bruto
o que encerra uma filha na prisão
por ter dado a um defunto o coração.

DR. SCIENCIAS

(*Com embaraço*)

Occorrem-me as ideias tanto á junta,
que não sei qual consagre a tal pergunta.

(*Abstracto*)

Enchaquecas...ceções...dores de barriga...

EL-REI

Basta! vae-me buscar a rapariga.
Se em demasia fui hontem severo,
generoso a valer hoje ser quero.

D. CIRCUNFERENCIA

E' attributo proprio d'um bom rei...

D. PORTUGUEZ

Que «cantando pl'o mundo espalharei.»

EL-REI

Obrigado, meu povo. Oh! obrigado!
desde já vos convido p'ra o noivado.
Vou fazer um consorcio de espavento,
e quero que a partir d'este momento,
não olhando a fadigas ou despeza,
tudo na côrte exprima só realeza,
e que a cidade em saudações se expanda,
d'este lado da ria... á outra banda.

A RAINHA

Sim, meu amor, meu anjo idolatrado!
Eu só assim compreendo este noivado,
para gloria das letras portuguezas...

DR. SCIENCIAS

E das tretas da Galia e redondezas.

EL-REI

Inda ahi estaes ouvindo a cavaqueira?

D. CIRCUNFERENCIA

Quando as não diz, a sciencia faz asneira

LR. SCIENCIAS

(A'parte)

O maroto não cança! Estou já fulo!

(Alto)

Eu vou, senhor, e volto aqui n'um pulo. (Sae)

EL-REI

General! acercai-vos e attendei:

D. CIRCUNFERENCIA

Sou todo ouvidos, meu excelso rei.

EL-REI

Matúto sobre a forma espaventosa
de dar á festa a nota mais honrosa.
E' preciso que em brilho sobreleve
tudo o que a antiga musa canta e escreve.
Assim, ordeno, e já, que o *Zé Vieira*
embandeire a cidade toda inteira;
que a *Beira-Mar*, na praxe do *gabão*,
volte a uzar o antigo *catalão*;
que as *tricaninhas* cujo rosto bello
metem muita rainha n'um chinello,
deixem a forma adamada, insuggestiva,
e retrocedam á forma primitiva,
conservando a frescura, a antiga linha,
da alva meia no pé e *chinelinha*;
que os irmãos *Freire*, d'altos cavalletos,
queimem quinhentas duzias de foguetes;
que as raparigas, entre mil modinhas,
cantem e dancem a *Sr.^a Anninhas*;
que alem do 24, e a *reservada*,
se estabeleça aqui uma *brigada*;
que os jarretões do *Gremio*, como a *Phenis*,
resurjam no *Gymnasio* para o *thenis*;
que o *Eduardo* invente p'ra os *pãesinhos*

novos nomes em velhos colarinhos;
e visto que já temos *banda*... emfim
que ella toque aos domingos no Jardim.
Isto, meu general, por minha fé,
uma pallida sombra inda não é
do que fazer-se vae, pois o programma
à tua sciencia o deixo, que o reclama.

D. CIRCUNFERENCIA

(*A parte*)

Oh! que grande estopada! ih! que canudo!

(*Alto*)

Para vos agradar eu farei tudo.

A RAINHA

Esqueceste o melhor n'este funcção:
um banquete, p'ra lustre de nação.

EL-PEI

Dizes bem, cara esposa; approvo a ideia.
Pois vá lá um jantar e uma ceia.

A RAINHA

Eu cá por mim preparo os refogados,
que hão de ser a tal festa apropriados.

EL-REI

Mas lembro, meu amor, que em tal questão,
tem um logar soberano o *mexilhão*,

A RAINHA

Olá, se tem! O *mexilhão* é fino
mas não dispensa o classico *brasino*.

D. PORTUGUEZ

Eu lembro, para assombro do Universo,
que ao *desert* cada qual só brinde em verso,
e farei um poema sublimado...

EL-REI

Cantigas? são banidas; só p'ra o fado.

D. PORTUGUEZ

(*Com amargura*)

E Apollo, que eu já via alem pairar;
c'o as musas pela mão p'ra me inspirar!

SCENA IV

Os mesmos e o Principe Gaulez

O PRINCIPE

(*A El-rei*)

Venho offegante, pois corre lá fora
que a *Princesa* a prizão deixou agora.
Não me mentiram, não? Oh! que anciedade!

EL-REI

O que corre lá fora, é a verdade.
Foi o dr. busca-la e não demora

a apagar-lhe esse incendio que o devora.
Vae ver que mutação n'aquelle seio...
O remedio era aquelle: eu empreguei-o.

O PRINCIPE

Deveras, sou amado p'la *Princeza*?
Oh! ceus! eu enlouqueço com certeza,
ou rebento d'alguma apoplexia
como já succedeu á minha tia.
Inda ha pouco morreu de indigestão
outro irmão de meu pae c'um alegrão.
Estas scenas de amor, tão compungentes,
teem-me dado coça nos parentes.
Porisso, coração, socega um pouco,
ou te amarroto já d'aqui n'um sôcco.
Tens tempo de matar loucos desejos...
E que abraços vaes dar, que longos beijos
n'esse rosto divino, inebriante!...
Socega, coração, por um instante.

EL-REI

Acho prudente o seu pensar, e vejo,
que tem um coração...de realejo.
Com tudo o que quizer elle concorda;
é questão de ter mais ou menos corda.
E visto que ambos nós somos assim,
(apontando o peito)

ouça o que vae gemer meu bandolim:
Cançado d'esta vida e desgostoso,
julgo chegada a hora do repouso.
Preciso descansar, ando ralado,
porisso vou cessar o meu reinado.
Sóbe ao throno a *Princeza* inexp'iente,
e governar um povo descendente

de «heroes do mar» com fama universal,
não é bem colher flôres n'um rosal.
Sóbem diariamente ahi de preço
a farinha em mistura com o gesso,
a cal com o assucar refinado,
a manteiga com leite adulterado,
o proprio vinho, tão barato agora,
com o Campeche que nos vem de fóra,
e até n'este delyrio, n'esta febre,
se tem vendido ahi gato por lebre!
E' melhor não mecher agora n'isso.
Que importa o vermelhão dado ao chouriço?
Bem longe, quanta vez, de fazer mal,
é chamada, a mistelga, estomacal!
E' deixar ir e não olhar p'ra o fundo,
que se não pode endireitar o mundo.
Meu filho, este conselho, em consciencia,
nasceu d'uma velhinha: a experiencia.

O PRINCIPE

Posso affirmar a Vossa Magestade
que fiel cumprirei tão sã vontade.
A' risca levarei vosso conselho,
que o seguro morreu, mas foi de velho.

EL-REI

Posso, enfim, descansar n'esse juizo;
morrer até, se tanto fôr preciso,
que me não turva o somno derradeiro
maior mal do que o duro travesseiro.

SCENA V

Os mesmos e a Princeza

A PRINCEZA

Ah! livre, livre, livre, felizmente!

O PRINCIPE

(Correndo para ella)

Princeza! meu amor! meu lyrio albente!
batatinha em puré! pão com manteiga!
minha rosa de musgo! agua da veiga
que corre pelo campo do meu peito!
Até que torno a ver-te... Põe-te a geito,
marmelada de amor, chega-te a mim;
mais um nadinha, um pouco mais, assim...
Tu já me tens amor, anjo do ceu?
Dize que sim, se não estoiro...

A PRINCEZA

(Timidamente)

Eu...

O PRINCIPE

Ingenua confissão! Oh! deus Cupido!
deus do amor, deus da vida, agradecido!
Bem hajas tu, e tua mãe, se existe,
desde quando os trez beijos lhe pediste.

A PRINCEZA

Palavriado chôcho! Isso não presta.
Se temos de casar, p'ra quando é a festa?

O PRINCIPE

Para já, se quizeres; estou por tudo,
meu feitiço, meu troncho repolhudo!

A PRINCEZA

(Com meiguice)

Meu toucinho do ceu, minha nabiça!

(Empavezando-se)

Vê que belleza esta de hortaliça!

O PRINCIPE

(Cantando)

Meu amor, abre-me a porta
do teu lindo coração,
que já tenho a chave torta
de estar a teimar em vão.

A PRINCEZA

Não foi tal em vão; prossiga,
que «agua mole em pedra dura,»
já lá o diz a cantiga:
«tanto bate até que fura».

O PRINCIPE

Se eu soubesse que batendo,
mole em mole, penetraria,
em teu peito ia fazendo
grande moessa em cada dia.

OS DOIS

Batamos continuamente,
batamos ambos os dois,

bate «tu primeiramente»
baterei «eu ao depois».

EL-REI

(A D. *Circunferencia*)

Meu bravo general de aspecto forte,
estou contente; vae dizêl-o á corte.
Participa que temos esponsaes
dentro d'uma semana ou pouco mais;
que preparem as fructas e os licores,
e a baixella de exóticos labores,
e a toalha mais alva e lúsidia
p'ra servirem na meza d'esse dia;
que tem de compar'cer de novo fato,
mas que é banido o tal cotim barato
de confeccão e lustro nacional.
Casimira franceza, em diagonal,
côr de azeitona ou mesmo de pinhão,
como a tem o *Miranda* e o *Gafanhão*.
Em summa, dize o mais que convier,
que em taes casos tens muito que dizer.

(D. *Circunferencia sãe*)

A RAINHA

Muito bem, meu amor, meu doce esposo!
Fallaste como falla um rei ditoso,
um rei que vae unir a um gentilhomem
o doce fructo... do meu abdomen.

Ao *Principe*)

Perdoe-me se a modestia lhe enterneço.

O PRINCIPE

Oh! senhora! tal honra não mereço!

SCENA VI

Os mesmos, D. Circunferencia, dr. Sciencias, cortezãos
linguas, escolas, etc.

D. CIRCUNFERENCIA

Eis reunida a côrte na etiqueta
e a quem fallei p'la voz d'uma trombeta.

EL-REI

(Apresentando-lhes o Principe)

Meus amigos fieis, gente da côrte!
Alegrae-vos, que estaes hoje com sorte.

(Pausa)

Sois um povo feliz, ditoso em barda,
tal como o *Zé Pagante* com a albarda,
E, posto que a ventura seja tanta
que inda não tenhaes corda na garganta,
pensei em vos tornar mais venturoso
fazendo um casamento espaventoso
com este par gentil, para que um dia
vos honre e illustre com notavel cria.
E' mais um beneficio tributado
ao povo pelo rei.

OS DA CORTE

Muito obrigado!

EL-REI

E' um laço de amor. Não ha memoria,
de amor assim nas paginas da historia.

Desenrolae-lhe as folhas uma a uma,
consultae pergaminhos, vêde, em summa,
por toda a parte e por algures mais
se elles rezam de principes reaes
que assim se queiram com affecto ardente.
Folgue, pois, tudo do prazer na enchente,
riam todos p'ra ahi a rebentar,
riam até final e sem parar. (*Todos riem*)
Sim senhor: agradeço esse solfejo;
todos na afinação... de realejo.
Podem-se retirar. Vão socegados,
p'la sombrinha, em descantes afinados,
apregoando ás multidões e ao vento
dos *Principes* o excelso casamento...

A RAINHA

Ide e dizei ás massas que é preciso
innundarem de luz o seu sorriso;
que a festa, como egual jámais se fez,
dá lustre e gloria ao nome portuguez,
porisso que *El-rei* manda que a alegria
em caudaes vos afogue n'esse dia.
Tudo em mim é prazer, contentamento!

EL-REI

Pois eu ando em mais sorte que um jumento!

SCENA VII

Os mesmos e o Astrologo

(*Com um oculo de grandes proporções*)

O ASTROLOGO

Suspendam taes assomos de alegria,

que um contratempo a sorte vos envia
(*Offerecendo o oculo ao Rei*)

Olhae, vêde a procella no infinito...

A RAINHA

Que grande bôlha traz este maldito!
Com que então preparavas-te, grande urso,
para impingir por bom o teu discurso,
suppondo que alguém crê nas tuas trêtas
e na cauda feroz dos teus cometas!
Issso é somno, a final; vae-te deitar.

O ASTROLOGO

Chegae-vos á janella: olhae o ar...

EL-REI

Que novos dissabores ou nova magua
nos vens annunciar, ó Borda d'Agua?

O ASTROLOGO

Senhor! dizem-me os astros de má cara
que uma grande tormenta se prepara.
Logo pela manhã nuvem ligeira
borrasca annunciou. Vi-a d'Esgueira
d'um celebre *castello* que alli ha
aos astros a sorrir...

A PRINCEZA

P'ra quê?

O ASTROLOGO

Sei lá!...

O que sei, porque o li a tinta preta
na cauda magestosa d'um cometa,
é que vae estalar por sobre nós
a guerra mais cruenta e mais feroz.

A RAINHA

Embusteiro! impostor! trolha no officio!
Tu sabes lá o que isso é, simplicio?
Pode lá crêr alguém que saibas ler
nos astros, que não sabem escrever?
Inventastê uma vez uma folhinha,
que quanta pêta havia todas tinha.
Vendeste algumas trez: encheste o pápo;
das restantes...fizeste guardanapo.
Eis reduzida ás suas proporções
a tua sciencia e d'outros toleirões.

O PRINCIPE

Vae-te, vae-te d'aqui!

A PRINCEZA

Vae-te deitar...

O ASTROLOGGO

Não é sômnio o que tenho.

A RAINHA

Então, ao mar!

EL-REI

Ao mar salgado não, que era capaz
de tornar a surgir feito goraz.
Pois não resuscitou, não vive *Agnello*,
lobishomem que quer ir-nos ao pello?
A' fogueira; essa vale quanto peza,
e livra os paes d'aquelle heroe... á meza.

O ASTROLOGO

Manda então preparar a frigideira.
(*Pavoneando-se*)
Que bellas carnes para pingadeira!

A RAINHA

Atreves-te a zombar, grande patife?

O ASTROLOGO

Tenho desejos de tornar-me em beef,
posto na grelha em divisões exactas,
puro estylo francez, e com batatas.

EL-REI

A' fogueira, á fogueira sem demora!

O ASTROLOGO

Escuta esse rumor que vem de fóra...
(*Começa a ouvir-se um sussurro estranho, de espadas que se cruzam, de homens que combatem, de imprecações que se levantam, etc*).

Atreves-te a pensar que é tudo peta

quanto estudei nos astros, meu patêta?
Geme contrito e dize a confissão.
Pouco mais, e teus dias findarão.

SCENA IX

Os mesmos, o Príncipe Germano e os seus soldados

(Entram de espada desembainhada, desarmando os do Rei)

P. GERMANO

(A El-Rei)

Cumpro a minha promessa. Eis já de volta
o lobishomem com a sua escolta
depois de reduzidos a pingados
os teus heroecos e leaes soldados.

(Conduzindo-o a porta)

Anda ver o que fiz d'esses bonecos:
throne e septro desfeitos em tarecos!

(Tirando-lhe a espada)

Venha a espada. E' terrível esta scena!

(Ao P. Gaulez)

Agora tu; a espada... e a pequena.

(A Princeza foge para elle)

Vem a meus braços, minha doce houri,
a quem as portas da minha alma abri;
vem ler no coração, que te anhelava,
quantos segredos para ti guardava.

Vê os pulinhos que elle dá no peito...

Sentes?... Não sentes?... Palpa aqui... com geito...

Parece-me um ginete desbocado

a correr, a correr...

P. GAULEZ

Estou damnado!

Oh! raiva! oh! desespero! oh! deus Cupido,
que mentes como um cão, como um bandido!

EL-REI

Oh! desgraça fatal! oh! sorte amarga,
que fizeste de mim besta de carga!

A RAINHA

(*A D. Circunferencia*)

A culpa de tamanha desventura,
a ti se deve, infame creatura!
Cumprindo-te vellar, dormiste foito
como paga ao meu chá e ao meu biscoito.

(*Ameaçadora*)

Não tornarei jamais ao solio angusto;
mas se lá volto um dia...

D. CIRCUNFERENCIA

Olhem que susto!

A senhora cahio com seu marido
p'ra não voltar ao solio apetecido.
Outro subio, e já lhe não resisto;
vou-me off'recer, que a moda agora é isto.

(*Ao P. Germano*)

Principe e general d'uma só cannal
trago a teus pés meu braço e esta catana
promptos para luctar, sempre leaes,
servidores fieis. .

P. GERMANO

De quem dá mais.

Conheço-te o valor pois tens valido...
Faço-te postilhão.

D. CIRCUNFERENCIA

Agradecido.

D. PORTUGUEZ

(*A' parte*)

Diz-me de cá de dentro voz amiga
que o são conselho e nobre exemplo siga.

(*Alto, ao P. Germano*)

Perante o deposto rei sem compromissos,
venho offer'cer-te a ti os meus serviços,
e por bem pago me dou da antiga lida
se na tua affeição tiver guardada.

P. GERMANO

Conta com um logar extraordinario:
farei de ti, talvez, meu trintanario.

D. PORTUGUEZ

Obrigado, senhor; honra suprema
com que a tua bondade assim me extrema!

DR. SCIENCIAS

Eu sou, alteza, o medico do Paço,
e os meus louros deponho em teu regaço.

P. GERMANO

Guarda os louros, mas traze uma lanceta
para sangrar o braço do maneta.

DR. SCIENCIAS

Agradeço, senhor, tal gentilleza;

curarei o maneta com certeza.

EL-REI

(A' Rainha)

Esposa! doce e adorada companheira,
ao que nos reduzio a pepineira!
De tão nobres e grandes que já fomos,
vê onde estamos, o que agora somos!

(Apontando para o dr. Sciencias, Portuguez e Circunferencia.)

São de Peniche, aquelles trez amigos!

A RAINHA

E nós que tanta vez lhes demos figos...

EL-REI

(Ao Astrologo)

Fiel, só tu e a tua lenga-lenga,
que vens da FABIA na gentil flamenga.

P. GAULEZ

(Ao P. Germano)

Se tens que me varar esta barriga,
porque esperas, germano d'uma figa?
Vamos, eis-me tranquillo e sem ter medo.
Mais me custa, a final, chuchar no dêdo...

P. GERMANO

Quero ver-te soffrer ancia cruel
até que eu volte da lua de mel.

A RAINHA

(Desmaiando)

Soccorro! vou morrer...

D. CIRCUNFERENCIA

Um Padre Nosso...

EL-REI

Acode-lhe, doutor, que eu já não posso.

(O astrologo senta a Rainha n'uma cadeira)

P. GERMANO

(Ao astrologo)

Bom coração, aquelle que assim faz.

Bem se vê que és da *Preza*, meu rapaz.

Se promettes servir-me com juizo,
arranjo te um emprego.

O ASTROLOGO

Eu não preciso.

P. GERMANO

Não precisas? hom'essa! e as razões?

O ASTROLOGO

Eu cá me entendo mais os meus botões...

(Segue para a janella, vendo os astros pelo oculo)

Fallas de pápo e vaes passar em breve
por uma scena que se não descreve.

P. GERMANO

Assustas-me! o que vez nos altos ceus?

O ASTROLOGO

E' um comêta enorme.

D. PORTUGUEZ

(Apertando a cabeça nas mãos)

Santo Deus!

O ASTROLOGO

Comêta com trez rabos e seis trombas.

D. CIRCUNFERENCIA

E caminha p'ra nós? oh! com mil bombas!

O ASTROLOGO

Este é de bêta e meia e de assobio;
nunca vi monstro assim de tal feitio.

(Dando o oculo ao Principe Germano)

Sabes ler? vê o que elle prognostica...

DR SCIENCIAS

Já o suor me cáe, gelado, em bica!

P. GERMANO

(Lendo pelo oculo)

Ai! Jesus, que prophesia,
que terrivel elegia,
que profundo desengano!
Por amor d'ella, a Princeza,
exame da *Madureza*
com *chumba* no fim do anno!

Negra sorte, a que te espera:
a morte na primavera
da vida, que te é tão triste!
Já quando foi pela FABIA
de nada valeu a labia
com que indulgencia pediste...

(*Deixa cahir o oculo*)

Ah! que terrivel futuro me desponta!

O ASTROLOGO

(*Apanhando os vidros partidos*)

Partio? pagou!

P. GERMANO

(*Com amargura*)

Pois sim; manda-me a conta
Que desgraça, por sobre uma victoria!
D'estas é que não reza a lusa historia!

EL-REI

E' cada um contentar-se com a sorte.
Tambem eu fui já condemnado á morte. .

P. GERMANO

Princeza! meu amor! Mattos Primeiro!
deixa ao menos que encha este celeiro
de abraços e de beijos teus leaes...

(*Abraçando-a e beijando-a*)

Venha um... venham dois... oh! venham mais.
Que bom entrar assim na eternidade!

O ASTROLOGO

(*Intervindo e separando-os*)

Senhores! respeito p'la moralidade!...

A PRINCEZA

Oh! não te vibrarão golpe certo,
que eu ficaria sem tocar pandeiro!

P. GERMANO

(Cantando)

Deus te ouvira, meu amor!
Sendo assim, d'essa maneira,
inspiraria o *Reitor*,
inspiraria o *Vieira*.

A PRINCEZA

Vou rogar todos os dias
invocando o céu e os mares,
benevolencia ao *Elias*,
benevolencia ao *Soares*.

P. GAULEZ

P'ra não ficar apitando
e sem noiva por este anno,
compaixão rogo ao *Armando*,
piedade ao *Marques Manno*.

D. PORTUGUEZ

Deve ser granda trouxa
ver a rapôsa na unha.

D. CIRCUNFERENCIA

Pois invoquemos o *Rocha*

DR. SCIENCIAS

Mais o *Ferreira da Cunha*.

A RAINHA

Visto não haver quem peça

se não por si, com taes modos,
ao *Silva* e *Alvaro d'Eça*,
irei eu pedir por todos.

SCENA X

Os mesmos e a Sombra

A SOMBRA

Surge de novo a *Sombra* do alçapão
p'ra dar á scena a ultima de mão.
Oh! não vos assusteis; ficae serenos,
que eu sou um vosso amigo, meus pequenos.
Não me sabeis a historia; eu vol-a conto
sem faltar á verdade n'um só ponto.
Já fui como vós sois; já tive vida
e andei no mundo de viseira erguida.
Dei luz á Sciencia, enchi de beneficios
Commercio, Industria, as Artes e os Officios.
As gerações passavam, n'essa idade,
chamando-me *O Estudo em liberdade*.
Eu era n'esse tempo um mocetão,

(*apontando a Rainha*)

e honrara com meu nome a *Instrucção*.
Um dia, um barbeiro, um tal Progresso,
a quem eu dera alento e dera ingresso
na pousada onde tinha a esposa querida,
arranca-m'a d'alli, corta-me a vida,

(*apontando o Rei*)

prende-a ao *Lyceu* por cavilosa forma,
(*apontando a Princeza*)

e os dois produziram... a *Reforma*.
Passei então a uzar de nome inglorio:
— paz á minha alma! — *O Periodo Transitorio*.
Jurei vingança, e a fatalidade
cavalga o *Rei* sem dó nem piedade.

Um noivo deu á filha, outro depois;
e ella, a final, communga com os dois.
E' uma mistelga que ninguem comprehende;
quem mais a estudar, menos aprende.
Sete annos andaes vós com ella aos tombos
e cada vez estaes inda mais rombos!
Eis o producto d'esse ideal connubio...
(*Caminha para o rei*)
Depois d'elle, amiguinhos, o diluvio!

EL-REI

Vae-te, *Sombra fatal*, deixa-me em paz!

A SOMBRA

Isso era o que tu querias. Lá p'ra traz!
(*El-rei foge-lhe horrorisado*)
Suppunhas, rei *Abel*, de pouca monta
a injuria, a infamia, essa tremenda affronta
cuspida sobre quem teve a desgraça
(*apontando a Rainha*)
de amar com louco ardor essa carcaça?
(*De punhos levantados*)
Treme do meu furor! treme, maldito!

EL-REI

Soccorro! aqui d'el-rei!

A SOMBRA

E peixe frito.
(*N'outro tom*)
Vem cá, meu loiro; eu não te quero mal.
Infeliz já tu és, que és *Nacional*.
Vou deixar-te de vez, mas encravado
no remorso do crime perpetrado.

E para teres de mim memoria eterna,
visto não poder sempre andar-te á perna,
e até para aprenderes anatomia,
(mostrando um esqueleto que traz occulto)
deixo-te aqui esta photographia.

(*El-rei curva a cabeça*)

Roconhecel-a? o golpe foi certo;
mão de mestre, a que tinha o teu barbeiro!
Vamos, vem-n'a buscar, que t'a dou eu
para augmentares o teu real museu.
Então? porque não vens? cobra coragem
e vê no espelho a tua propria imagem.
Pensas que és mais do que isto? puro engano.
E' questão de mais anno ou menos anno,
d'este ou d'aquelle ou d'outro ministerio,
e virás ter commigo ao cemiterio,
pois que nova reforma, embrionaria,
só deixa escolas de instrucção primaria.
São horas. Vou-me embora, estou com pressa;
e antes que o chá, lá em baixo, me arrefeça
e eu tenha de accender nova fogueira,
colloco-te esta flôr na botoeira. (*Colloca-lhe o
esqueleto sobre o peito. El-rei cãe desmaiado sobre
uma cadeira. Rodeiam-n'o todos.*)

A RAINHA

(*Com amargura*) Acudam!...

A PRINCEZA

Já não falla!

DR. SCIENCIAS

(*Auscultando-o*)

E' um finado!

A SOMBRA

(*Dirigindo-se ao alçapão, que desce lentamente*)

E' a minha vingança! Estou vingado..!

(*Golpe de orchestra*).

DO AUCTOR



CREANÇAS, poemeto,	1885—	Esgotado
AVÉ-MARIA, »	1885—	»
O BEIJO, monologo em verso,	1886—	»
PERDÃO, drama (collaboração com Cunha e Costa,	1886—	»
SOMBRIOS, versos,	1886—	»
NA MI-CARÊME, versos,	1893—	»
NOIVOS, comedia em verso,	1894—	»
A FÁBIA EM AVEIRO, estudantada em 3 actos,	1901—	»